

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

RAQUEL CRISTIANE COSTA DA SILVA

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O CASO COLETIVO DIGITAIS PRETAS

PORTO ALEGRE

2023

RAQUEL CRISTIANE COSTA DA SILVA

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O CASO COLETIVO DIGITAIS PRETAS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Tereza Flores-Pereira

PORTO ALEGRE - RS

2023

RAQUEL CRISTIANE COSTA DA SILVA

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O CASO DO COLETIVO DIGITAIS PRETAS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Administração.

APROVADO EM: 06/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Tereza Flores-Pereira Orientadora (EA/UFRGS)

Profª Drª Josiane Silva de Oliveira (PPG/UEM)

Profª Rosana Córdova Guimarães (EA/UFRGS)

PORTO ALEGRE - RS

2023

Dedico este trabalho a todas as mães, que assim como a minha dedicaram suas vidas a empoderar seus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Elza, essa pessoa alegre, por ter sido pai e mãe, por ser essa pessoa com coração enorme, por trabalhar sol a sol provendo meu sustento, por ter me criado com valores que levo para minha vida toda. Agradeço por ter me dado uma infância cheia de lembranças felizes, agradeço por ter me feito estudar, se hoje estou me formando eu devo tudo isso a você.

Agradeço aos meus pais de coração Odi (*in memoriam*) e Carlos, que ajudaram a minha mãe nessa jornada de criar uma filha mulher, me deram carinho, sempre se fizeram presente na figura paterna.

Agradeço o meu irmão, Rodrigo, que com seu jeito doce e calmo, foi meu parceiro na infância, nosso bebê.

Agradeço ao meu Marido, Fábio, Seu jeito alegre, brincalhão e com um coração gigante sempre me fez ver a vida com leveza. O seu amor, seu apoio e companheirismo foram fundamentais nessa jornada, fizeram eu acreditar que era possível chegar ao final dessa etapa.

Agradeço minha amiga Deise, que apesar de longe sempre esteve presente, me dando apoio, com uma palavra de força e trazendo alegria para os dias mais difíceis.

Não tenho como não agradecer em especial meus colegas de faculdade, Caroline (Carol)Fernanda (Fe), Francisco (Chico), Ítalo (Véio), Nídia (Ny), Robson (Diuf), se não fosse por vocês os dias se tornariam muito mais difíceis, vocês produziram memórias que jamais vou esquecer, que essa amizade permaneça para além dos portões da UFRGS.

Agradeço ao coletivo Digitais Pretas e a criadora Nellys por me acolherem e aceitarem fazerem parte dessa pesquisa. Agradeço individualmente a cada uma das entrevistadas, Ana Paula, Gilsanne, Júnia, Michelle, Patrícia e Silmara, a história de vocês foram essenciais neste trabalho.

Por fim, a pessoa responsável por esse TCC ter chegado ao fim, a minha orientadora Maria Tereza Flores-Pereira, sua voz, sua tranquilidade, sua sensibilidade, seu conhecimento, sua destreza foram fundamentais para conclusão desse trabalho. Agradeço do fundo do coração por ter levado essa orientação com tamanha leveza.

*... Mas como eu saí do povo
Nunca deixei de acreditar jamais
Nas coisas que aprendi no morro
Lutar pelos meus ideais
Amar ao próximo como a mim
mesmo
Quem dera esse meu desejo
Pudera nos trazer a paz.
(Reinaldo - Infância)*

RESUMO

Meu objetivo neste trabalho foi compreender como se constituem processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo Digitais Pretas. Para isso me vali dos conceitos de Identidade Social, Afroempreendedorismo e Aquilombamento Digital. Para atingir esse objetivo, adotei uma abordagem qualitativa interpretativa, realizei entrevistas semiestruturadas com a criadora do Coletivo Digitais Pretas e seis de suas participantes, todas mulheres negras. No roteiro de entrevista propus que elas relatassem suas trajetórias familiares, profissionais e sua interação com o coletivo. A partir da análise das falas dessas mulheres construí sete categorias: 1) Perfil das entrevistadas, 2) Antes dos trinta e poucos; 3) Uma trajetória profissional não linear; 4) Apagamento digital da mulher preta; 5) Empoderar mulheres pretas; 6) Afro empreender é um ato de se libertar e de se proteger; 7) A gente se aquilomba! Tais categorias nos ajudaram a compreender como acontecem os processos identitários dessas mulheres negras nas suas trajetórias de vida, nas quais o Coletivo Digitais Pretas demonstra ter papel relevante.

Palavras-Chave: Mulheres negras; Afroempreendedorismo; Identidade social; Aquilombamento digital.

ABSTRACT

My objective in this work was to understand how identity processes are constituted by the participants of the Digitais Pretas collective. For this I used the concepts of Social Identity, Afroentrepreneurship and Digital Aquilombamento. To achieve this goal, I adopted an interpretative qualitative approach, I conducted semi-structured interviews with the creator of the Digitais Pretas Collective and six of its participants, all black women. In the interview script I asked them to describe their family and professional trajectories and their interaction with the collective. From the analysis of the speeches of these women, I built seven categories: 1) Profile of the interviewees; 2) Before thirty-something; 3) A non-linear professional trajectory; 4) Digital erasure of black women; 5) Empowering black women; 6) Afro-entrepreneurship is an act of liberating and protecting oneself; 7) We get aquilomba! These categories helped us to understand how the identity processes of these black women happen in their life trajectories, in which the Black Digital Collective plays a relevant role.

Keywords: Black women; Afroentrepreneurship; Social identity; Digital aquilombamento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem da identidade visual do coletivo no Instagram.....	19
Figura 2 - Quadro de postagens do Digitais Pretas.....	20
Figura 3 - Postagem Pretas chamada para evento.....	24
Figura 4 - Postagem Pretas Indicam.....	25
Figura 5 - Primeira Postagem.....	38

LISTA DE SIGLAS

- IBQP: Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade.
- SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SOFTEX: Sociedade Brasileira para Exportação de Software
- TCC: Trabalho de Conclusão de Curso
- GEM: Global Entrepreneurship Monitor
- GIFE: Grupo de Institutos Fundações e Empresas
- MBM: Movimento Black Money
- CEO: Chief Executive Officer
- UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- PUC: Pontifícia Universidade Católica
- UCS: Universidade de Caixas do Sul
- PCD: Pessoa com deficiência

PRÓLOGO

Antes de iniciar este trabalho, preciso falar um pouco da minha história, gostaria de iniciar pela minha infância, apesar de ter 38 anos as minhas memórias de quando eu era pequena são bem vívidas. Sou filha de pais separados, minha mãe (*Elza*) sempre fez de tudo para me dar o melhor.

Passei parte da minha infância morando no centro histórico de Porto Alegre, aliás próximo à Escola de Administração da UFRGS. Ali fui criada pela minha mãe, que tinha a ajuda da minha madrinha, de outros familiares e dos muitos amigos da minha mãe. Inclusive, um desses amigos se tornou pai do meu irmão alguns anos depois. Pelas minhas lembranças e pelos registros das centenas de fotos dos meus aniversários, em praças, com familiares (até fotos sentadas no pinico) sempre fui uma criança tratada com muitos mimos.

Logo nos mudamos para Viamão, na Vila Monte Alegre, lá morei até os 13 anos. Nossa casa era pequena, morávamos só eu e minha mãe, nessa época eu dormia junto com ela de mãos dadas. Quando ela ia trabalhar eu ficava na creche e, quando cresci, ficava sozinha sendo que meu tio que morava em frente, me dava suporte.

Gostava de morar na Monte Alegre, sabe como é vila, a gente conhece todo mundo e todo mundo nos conhece, e isso era bom demais, pude viver minha infância. Brincava muito, andava de bicicleta, jogava futebol, brincava de casinha, tomava banho de piscina, banho de mangueira, brincava de esconder, entre tantas outras brincadeiras.

Também nessa época lembro da fase do colégio. Minha educação sempre foi bem rígida, pois era bolsista no colégio Adventista, então minha mãe sempre exigiu bastante de mim na questão dos estudos. Mas infelizmente minha mãe não conseguiu me manter na escola particular, já que ela pagava tudo sozinha. Com a troca para uma escola municipal, ela continuava sendo bastante exigente com meus estudos. Eu era uma criança até que tranquila, mas vivia de castigo em função das minhas notas no colégio.

Minha mãe sempre prezou pela minha educação, e não queria que eu fosse como as gurias do bairro, que novas ficavam grávidas e largavam os estudos. Tanto que eu tinha hora pra tudo, e para ir à casa das minhas amigas ela precisava conhecer os pais.

O tempo passou e com 8 anos eu ganhei um irmãozinho, o Rodrigo, obviamente o “preferidinho da mamãe”. Também ganhei um pai “seu Odi” que com o jeitão quieto do interior sempre se fazia presente. Como falei anteriormente, o pai do meu irmão era um dos amigos da

minha mãe, que ajudou muito na minha criação quando era pequeninha, antes mesmo de ele ser meu padrasto, por isso nossa relação sempre foi muito tranquila.

Logo após eu completar 13 anos viemos morar no Partenon em Porto Alegre, apesar da mudança bem no período da pré-adolescência, eu não fiquei triste porque já tinha laços de amizades no meu novo local de moradia, que era no mesmo local em que minha vó e tia moravam.

Essa época foi muito boa, enquanto meu irmão brincava com os amigos dele e nossas primas, que regulavam de idade com ele, eu fofocava com minhas amigas, ou com minha mãe, vó e tia. Lembro que ficávamos até tarde sentadas na calçada tomando chimarrão e comendo pipoca, rindo até do vento que passava no nosso rosto, qualquer coisa era motivo para darmos gargalhadas. Nessa época já estudava em Porto Alegre, sempre no mesmo lema “estuda se não vai pro castigo”.

E assim eu fiz até terminar o ensino médio, quando eu terminei não tinha opção para cursar a faculdade pública e nem a particular, era uma realidade impossível. Então eu só tinha uma opção: trabalhar.

Fui então atrás do meu primeiro emprego, e a única oportunidade que surgiu foi trabalhar num mercado famoso pela sua prática racista de não contratar pessoas negras. Trabalhei por três meses, foi suficiente para sair com depressão e 15 quilos acima do meu peso. Foi bem difícil eu sair disso. Procurei um psicólogo e foi muito bom, porque tratei coisas que eu nem imaginava que tinha (meu conselho é: façam terapia).

Minha mãe conseguiu uma indicação para eu trabalhar como estagiária em um banco. Eu amei trabalhar lá, as pessoas, meu chefe, tudo era muito bom, mas era um contrato de apenas 6 meses sem possibilidade de efetivação. Ainda neste estágio comecei o técnico em administração hospitalar no Hospital de Clínicas em Porto Alegre, pois como eu disse, minha mãe sempre dizia “estuda”.

Logo saí do estágio do banco e já consegui outros dois estágios no Hospital de Clínicas, um era remunerado e outro não. Eu amei os dois estágios – um era no ambulatório e outro na oncologia. Lá fiquei por dois anos, enquanto fazia o curso técnico tive a indicação do meu primeiro emprego duradouro (exatamente 12 anos na mesma empresa). O QI (quem te indica) sempre me ajudou muito, não sei, se é bom ou ruim, mas me ajudou!

Assim que iniciei a trabalhar, com a carteira assinada, comecei ajudar a minha mãe e meu padrasto, porque apesar de meu irmão e eu sempre termos “tudo” eu via a dificuldade

financeira que eles passavam. Passados uns anos, passei pela perda do meu padrasto em um atropelamento, acho que foi um dos piores sentimentos que já tive até hoje.

Em 2012, já com o programa de cotas nas universidades, eu vi a possibilidade de finalmente fazer uma faculdade, escolhi o curso de Administração em virtude de já estar trabalhando na área. Mas sei que minhas escolhas talvez pudessem ser Odontologia ou Psicologia, mas minha realidade era outra e precisava de algo mais prático.

Então comecei a fazer pré-vestibular, foi um choque, um período bem cansativo, pois desde 2006 que estava sem contato com a sala de aula. Decidi fazer o Enem e o Vestibular, avisava muitas vezes pra todo mundo “não contém que eu vá passar de primeira”, já prevendo as dificuldades. Repeti tantas vezes isso, que meu namorado (Fabio), resolveu apostar comigo uma viagem com tudo pago se eu passasse.

Fiz o Enem e foi um show de horror, a redação eu fiz nos 20 minutos finais. Apesar de não ter criado expectativas, não esperava que o meu desempenho fosse tão ruim. Com minha nota no Enem e minha renda eu só conseguiria bolsa parcial nas faculdades particulares. Ah! eu não queria fazer em qualquer uma, sempre pensei se é pra fazer tem que ser em uma de boa qualidade.

Com as expectativas mais baixas ainda, fui fazer o vestibular da UFRGS, usei todas as técnicas que pudessem me deixar mais calma. Sempre cheguei com uma hora de antecedência no local das provas, fui muito tranquila, entendo que estava fazendo meu melhor. Depois que fiz as provas a única coisa que sabia é que tinha ido bem na redação, até hoje eu nunca peguei as provas para corrigir as questões.

No dia do listão como estava demorando para sair, eu fui para um shopping, pois não aguentava mais esperar. Me lembro como se fosse hoje, estava no caixa de uma loja quando tocou meu telefone, era a minha cunhada perguntando meu nome completo, dizendo que eu tinha passado. Eu comecei a chorar ali mesmo, as pessoas ficaram me olhando sem entender o que estava acontecendo. Em seguida, eu liguei pra minha mãe dizendo que achava que tinha passado no vestibular, mas queria ver o listão pra ter certeza.

Minha mãe e meu segundo pai de coração (Carlos) foram voando me buscar. Quando cheguei em casa e achei meu nome RAQUEL CRISTIANE COSTA DA SILVA no listão da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, chorei muito, meu pais choraram como crianças. Eu jamais vou esquecer esse dia, e agradeço todos os dias por minha mãe me falar “estuda”.

Certamente, vocês estão lembrados do meu namorado, hoje marido, que apostou comigo né, que se eu passasse ele iria me dar uma viagem?! Então, apesar de já termos feito algumas viagens, até agora ele não pagou a aposta, mas ele vai pagar quando eu pegar o canudo!!!

Mas voltando... Já na faculdade, depois da euforia veio a realidade. No primeiro semestre com a cadeira de cálculo eu vi que problema não era o vestibular, gente que cadeira horrível e ainda o temido Weber em Teorias organizacionais. Ainda bem que já era adulta, porque certamente se fosse adolescente ia viver de castigo (lembram a Dona Elza vivia me colocando de castigo).

Tive que fazer aula particular pra sair de cálculo, foi a única maneira que achei para passar. Rodei em algumas cadeiras além do cálculo, a maioria das vezes era vencida pelo cansaço, pois trabalhar e estudar a noite não é fácil. E isso foi motivo para pensar em desistir muitas vezes. Era frustrante, principalmente se você se compara com outros colegas, pois tive muitos colegas que a realidade era muito diferente da minha.

Mas também tive (graças a Deus) aqueles que colegas que me ajudaram muito nessa caminhada. Alguns por terem histórias parecidas, alguns só por estarem ao meu lado com uma palavra amiga. E isso é uma das melhores coisas que vou levar da UFRGS, as amizades que lá eu fiz.

Também vou levar da UFRGS, o aprendizado, não só aquele que aprendi na sala de aula, mas o aprendizado empírico, o aprendizado que adquiri andando pelos corredores, falando com os professores, com os alunos, com os funcionários, nas palestras, nas aulas abertas e até nos protestos. Hoje fazendo meu TCC sobre processo identitários, percebo o quanto minha história se conecta com as mulheres que pude entrevistar. Por vezes parecia que estava ouvindo histórias da minha família. Esse trabalho é mais uma das tantas coisas que ser uma estudante da UFRGS me proporcionou. Posso dizer que muito da mulher negra que me tornei hoje, é porque estive ali dentro, trocando conhecimento e experiências.

Finalizo dizendo que não sou uma pessoa que gosta “do papo de coach”, muito pelo contrário sou realista, sei que passei por muitos momentos ruins, que poderiam me fazer uma pessoa amarga. No entanto, hoje concluindo minha graduação, morando na minha casa própria e tendo o amor da minha família, me considero uma felizarda, sempre procurei ver e perceber que tive o melhor que a vida pode me presentear.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1	COLETIVO DIGITAIS PRETAS.....	23
2.2	AQUILOMBAMENTO DIGITAL.....	26
2.3	DO EMPREENDEDORISMO AO AFROEMPREENDEDORISMO.....	28
2.4	IDENTIDADE SOCIAL.....	32
3	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	35
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	37
4.1	PERFIL DAS ENTREVISTADAS.....	37
4.2	ANTES E DEPOIS DOS TRINTA E POUCOS.....	40
4.3	UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NÃO LINEAR.....	44
4.4	APAGAMENTO DIGITAL DE MULHERES PRETAS.....	46
4.5	EMPODERAR MULHERES PRETAS.....	48
4.6	AFROEMPREENDER É UM ATO DE SE LIBERTAR E DE SE PROTEGER!50	
4.7	“A GENTE SE AQUILOMBA”.....	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXO A – LEI ÁUREA N.º 3.353 13 DE MAIO DE 1988.....	64
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (1):.....	65
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (2):.....	66
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	67

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Souza (2016), povos africanos foram trazidos para trabalhar no Brasil como escravos, nas plantações de cana de açúcar, nos cafezais e na mineração, depois também começaram a realizar os serviços domésticos. Em meados do século XIII, em virtude do crescimento populacional, esses escravos negros também realizavam atividades que lhes garantiam sustento, como: culinária, artesanato, marcenaria e costura. Ainda, segundo Souza (2016, p.1) “chegavam a comprar sua alforria liberdade ou a de seus filhos com dinheiros que obtém”.

Segundo Cancian (2006), o período que antecede a promulgação da Lei Áurea, foram de constantes transformações econômicas e sociais, este momento é quando a produção açucareira entra em declínio e a produção de café se expande. Os cafeicultores já tinham achado solução para substituição da mão de obra escrava negra, com os imigrantes europeus.

O governo brasileiro sofria com constantes pressões internacionais, vindas da Inglaterra, que queria acabar com tráfico negreiro. De acordo com Cancian (2006) em virtude da industrialização, há o surgimento de grupos sociais que se opunham ao regime escravista, que incentivavam fugas e rebeliões, sendo que é neste período que surgem os quilombos. A historiadora Beatriz Moura (2018), chama atenção para as conceituações simplistas baseadas em visões eurocêntricas existentes referente aos quilombos. De acordo com Moura (1984, p. 131) os quilombos “tiveram dois componentes sociais básicos: a) - escravos do eito, da agricultura ou da pecuária, e, b) - os escravos das cidades, especialmente os de ganho”. Esses quilombos não eram formados apenas por escravos fugidos, de acordo com Soares (2018, p. 578) “diversos outros segmentos descontentes com a colonização, como desertores do serviço militar, criminosos, indígenas e negros marginalizados”.

O quilombo, como vemos, nada tinha de semelhante a um quisto, ou grupo fechado, mas, pelo contrário, constituía-se em polo de resistência que fazia convergir para o seu centro diversos níveis de descontentamento e opressão de uma sociedade que tinha como forma de trabalho fundamental a escravidão (SOARES, 2018, p. 578, *apud* MOURA, 1981, p. 31).

Neste contexto de acordo com Soares (2018, p. 579) as “ações constantes durante o todo o período colonial possibilitaram, juntamente a outros elementos, o desgaste da prática escravista de trabalho desembocando no processo abolicionista do país”. Diante das crescentes manifestações populares e internacionais, um grupo de parlamentares brasileiros lançaram uma

campanha pelo fim da escravidão. Assim, em 13 de maio 1988, foi sancionado a Lei Áurea (exposto no Anexo A), que propunha abolir o trabalho escravo no Brasil. Com o (pretense) fim da escravidão negros e negras tiveram que lidar com uma outra forma de opressão, pois não tinham acesso a nenhuma estrutura social. De acordo com Santos (2007, p.1).

[...] a sociedade brasileira largou o negro, a seu próprio destino, deixando em seus ombros a responsabilidades de reeducar-se de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regimento republicano e capitalista.

O fim do regime escravista deixou a população negra a própria sorte. Segundo Santos (2007, p. 1): “o negro sofreu as consequências diretas de um processo marcado pelas desiguais condições de acesso às novas ocupações econômicas advindas da mercantilização da economia”. Isso acarretou uma inserção lenta e desigual no mercado de trabalho. Ou seja, a estrutura social criada após o período abolicionista, não inseriu o povo negro na sociedade “o processo de inserção, por consequência, teria que ser doloroso e excludente”.

De acordo com o estudo de Silva e Fagundes (2022, p. 225) o sociólogo e jornalista Clovis Moura, relaciona o processo de exclusão social dos negros no Brasil com racismo e capitalismo, pois segundo o sociólogo a luta de classes teve início no período colonial e imperial. Além da luta de classes o pensamento de Moura traz a inferência do negro como indivíduo político, “a participação de negras e negros na formação política do país como sujeitos históricos e protagonistas da história”, um salto na história da escravidão.

As classes dominantes do Império, que se transformaram de senhores de escravos em latifundiários, estabeleceram mecanismos controladores da luta de classes dessas camadas de ex-escravos. Mecanismos repressivos, ideológicos, econômicos e culturais visando acomodar os ex-escravos nos grandes espaços marginais de uma economia de capitalismo dependente. As classes dominantes necessitavam para manter esses ex-escravos nessa franja marginal de um aparelho de Estado altamente centralizado e autoritário. Essa franja marginal foi praticamente seccionada do sistema produtivo naquilo que ele tinha de mais significativo e dinâmico. (MOURA, 1984, p. 133)

Vivendo à margem da sociedade, negros e negras tiveram que buscar formas, de prover o seu próprio sustento, realizando atividades que lhes garantia renda. Os homens negros trabalhavam como alfaiates, sapateiros, carpinteiros, carregadores ou vendedores ambulantes. As mulheres realizavam trabalhos domésticos como lavadeiras, cozinheiras e quitandeiras. Baseada no argumento que empreender é a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação

de Baggio e Baggio (2014), Silva (2017, p. 12) analisa que tais atividades podem ser concebidas “como expressões empreendedoras”.

Segundo Siqueira, Nunes e Morais (2018), toda história de exclusão social das pessoas negras do Brasil reflete no empreendedorismo, visto que as relações econômicas não são separadas do contexto social. Para os autores o empreendedorismo negro é a possibilidade de diminuir as diferenças socioeconômicas em um “cenário exclusivo de homens brancos”, pois “Trata-se de um mecanismo que combate às desigualdades e a exclusão social, no qual o homem e a mulher negra partem de um ‘empoderamento’ a partir de suas identidades” (SIQUEIRA, NUNES e MORAIS, 2018, p.232).

No Brasil, na década de 1990 iniciou-se o processo de crescimento do empreendedorismo negro, resultado de vários fatores, destacando-se a procura por uma renda melhor, a falta de emprego formal e incentivos legais à formalização dos empreendimentos. De acordo com Melo (2019, p. 1), no decorrer do tempo, houve uma “conjunção entre medidas de reparação político-econômicas adotadas no País” e a criação de movimentos negros de incentivo ao afroempreendedorismo, no sentido simultâneo de inclusão e ascensão social. Como decorrência desse contexto, houve uma maior participação da população negra na abertura de seus próprios negócios.

Nas duas últimas décadas, a economia étnica se transforma em assunto de particular interesse aos negros brasileiros, que além de corresponder a maior parcela da população nacional, passam no período a representar o conjunto mais numeroso de empreendedores nacionais (LOPES, 2019, p. 4).

Em tempos atuais a população negra já representa a maioria dos empreendedores no Brasil. No entanto, Melo (2019, p. 1) observa que “é sabido que as dificuldades enfrentadas por todos aqueles que estão abrindo o próprio negócio no Brasil somadas ao racismo estrutural criam um ambiente totalmente hostil”. Visto que para empreender terá que primeiramente superar as mazelas do preconceito individual e institucionalizado, os quais criam um ambiente mais fechado para pessoas negras do que para pessoas brancas.

Dentro deste grupo encontram-se as mulheres negras, que sempre foram invisibilizadas pela sociedade, tendo sido colocadas em posição de serviçal. De acordo Nascimento (2010) após o período colonial, houve grande expansão da industrialização e diversificação das atividades produtivas. Porém as mulheres negras permaneceram ocupando cargos atribuídos a elas no período da escravidão. De acordo com Pereira (2021), a dinâmica do sistema econômico da época reservou às mulheres negras o último lugar na hierarquia social, deixando marcas

duradouras em suas trajetórias profissionais. Segundo Pereira (2021, p.1):

[...] início precoce e saída tardia do mercado de trabalho; desemprego elevado; concentração em ocupações subordinadas; bloqueios à competição por posições com maiores remunerações e prestígio e então, baixo retorno em relação ao avanço da escolaridade; ameaças constantes de rebaixamento e expulsão, provocadas por mudanças socioeconômicas, mudanças no ciclo de vida ou pelo racismo direto.

De acordo com Siqueira, Nunes, Moraes (2018), no Brasil, atualmente, ainda é percebido as diferenças nas condições de trabalho entre homens e mulheres. Segundo Teixeira (2022, p. 85) ocorre porque “o sistema patriarcal mantém a estrutura opressora em diversos níveis, nos quais as esferas sexo, raça e classe funcionam como sistemas interligados de dominação”.

No entanto, mesmo que ainda sob forte preconceito, as mulheres negras em tempos atuais possuem maior participação nas atividades empreendedoras no Brasil. As pesquisas mais recentes realizadas pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), junto ao Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e o serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas (Sebrae), mostram que dos 53,4 milhões de empreendedores brasileiros, 60% são mulheres negras.

Embora sejam maioria, as mulheres afroempreendedoras precisam superar obstáculos por serem mulheres e por serem negras, além de ter que lidar com o contexto socioeconômico mais amplo de grandes incertezas, mudanças constantes, desvalorização do trabalho e falta de oportunidade.

Embora os padrões de desigualdade tenham se alterado nesses últimos 30 anos, eles não foram capazes de alterar a realidade das mulheres negras, sobretudo no mercado de trabalho (CARNEIRO, 2019 apud CONCEIÇÃO, 2020, p. 4).

Pesquisas realizada pelo Movimento Black Money (MBM), Inventivos e RD Station¹, que tinha o objetivo “entender as formas de empreender e os desafios encontrados na trajetória de empreendedores pretos e pardos no país” mostraram que as mulheres negras, empreendem principalmente nos serviços de saúde, beleza, seguidos pelo e-commerce e varejo: “As

¹ Fonte: Forbe Tech - Gabriela Del Carmen

Leia mais em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/07/pesquisa-sobre-afroempreendedorismo-no-brasil-revela-que-486-dos-negocios-ainda-nao-tem-faturamento/>
<https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/07/pesquisa-sobre-afroempreendedorismo-no-brasil-revela-que-486-dos-negocios-ainda-nao-tem-faturamento/>

indústrias predominantes refletem uma herança ancestral de cuidados coletivos, mas também, infelizmente, a herança escravocrata de estar a serviço do outro ou da outra”. Um outro dado identificado nessa pesquisa é a dificuldade de acesso ao crédito e o desconhecimento de estratégias digitais (50,9%) e de métodos para tornar seus negócios rentáveis (59,2%).

Frente a esse cenário, vem se popularizando a forma de trabalho em redes, coletivos ou ainda o “aquilombamento digital”, pois essa forma de organização cria um ambiente favorável as afroempreendedoras, pois no geral se associam com práticas benéficas ao grupo. Para Costa (2020), os coletivos são organizações flexíveis, com foco na troca de ideias, conhecimento e experiências em parcerias unidas por uma questão de estilo e ideologia. Essas formas de trabalho, tem conceitos que se aproximam. Segundo Vale (2004, p. 2):

[...] uma forma particular de associação, de natureza horizontal, reunindo, voluntariamente, atores diferentes, que interagem entre si, de maneira sistemática, compartilham, em menor ou maior grau, certos valores comuns e implementam, conjuntamente, estratégias de interesse coletivo, visando algum ganho socioeconômico.

O aquilombamento digital tem inspiração nos quilombos, que sob ótica das estruturas coloniais e imperialistas, eram locais escondidos na mata, onde se abrigavam escravos fugidos. Cândido, Xavier, Moura e Santos (2011) trazem uma conceituação que nos permite entender melhor a dinâmica dos quilombos, ao descreverem que estes seriam uma forma encontrada pelos escravos para resistirem às péssimas condições de trabalho. No entanto a historiadora Beatriz Moura (2018) descreve os quilombos por um prisma diferente, para ela, os quilombos são um lugar de valorização da cultura africana, manutenção da identidade social:

O quilombo não é como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem a tentativa dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si. (REIS 2019, p. 16, apud NASCIMENTO, 1977, p. 129)

Retornando à versão digital do aquilombamento, Conceição (2020, p. 7) diz que: “Essa movimentação de forma orgânica, nos revela uma nova relação estrutural entre pessoas negras no ambiente digital, para chegar e sobreviver ao universo do mundo do trabalho, chamado por nós de ‘aquilombamento digital’”.

Neste contexto, frente a um número cada vez maior de mulheres afroempreendedoras, em meio à falta de espaço e protagonismo nas redes sociais, o coletivo Digitais Pretas foi criado

em uma plataforma digital que tem como objetivo o empoderamento, a pluralidade, a troca de conhecimento, o desenvolvimento profissional e o fortalecimento das pessoas que participam deste coletivo.

Figura 1: Identidade visual atual.



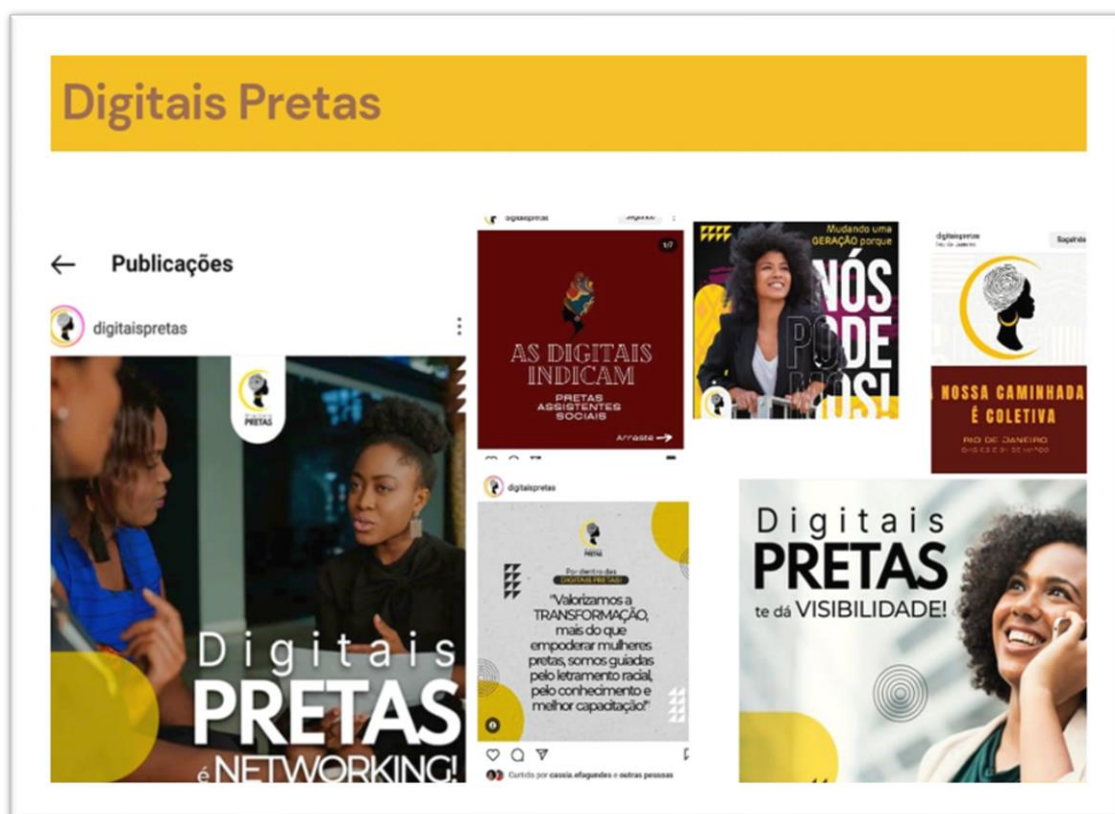
Fonte: Plataforma digital Instagram das @ Digitais Pretas

O coletivo se formou a partir da necessidade da sua criadora se reconhecer como mulher preta e como uma afroempreendedora, o que se construiu a partir da identificação da sua história, contada nas redes sociais, com outras mulheres. Assim como outros coletivos, as Digitais Pretas usam a internet para se conectar às mulheres negras de vários estados. Atualmente conta com mais de 9 mil seguidoras que se conectaram através das dificuldades em suas trajetórias e encontram dentro deste coletivo a ressonância de sentidos, que reverberam positivamente nas suas atividades empreendedoras.

Considerando as características apresentadas até momento, pelo coletivo Digitais Pretas, conseguimos observar que existe um desejo de se reconhecerem como mulheres negras e afroempreendedoras. Essa necessidade de identificação pode ser explicada a partir do conceito de Cuche (2002, p. 176) sobre identidade social: “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”. Incluídas nessas oposições estão as questões raciais as quais entram no campo das lutas das identidades. Neste contexto o

coletivo busca construir uma “identificação positiva”, lutando pela sua própria identidade, recorrendo ao afroempreendedorismo e ao aquilombamento digital para se fortalecerem nessa disputa de definição identitária.

Figura 2: Quadro de postagens do coletivo Digitais pretas



Fonte: Baseado nas postagens do coletivo @ Digitais Pretas.

Esses coletivos desempenham um papel importante para a população negra, como lugar de conexões com suas origens, apoio ao afroempreendedorismo e na disseminação da cultura negra. Contudo, ao realizar as pesquisas iniciais para este trabalho observou-se poucos trabalhos que tragam perspectivas das pessoas que participam desses coletivos, sob a ótica das relações identitárias. Diante do exposto, foi formulada a seguinte pergunta que norteará este trabalho de conclusão de curso (TCC): Como se constituem os processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo Digitais Pretas? Para responder a essa questão de pesquisa, propus os seguintes objetivos intermediários: 1) Descrever a trajetória da criadora do coletivo Digitais Pretas; 2) Descrever a trajetória de participantes e colaboradoras do coletivo Digitais Pretas; 3) Descrever as atividades propostas pelo coletivo Digitais Pretas; 4) Levantar as construções identitárias constituídas a partir da interação com o coletivo Digitais Pretas; 5) Analisar a

relação dos processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo a partir do conceito de afro empreendedorismo; 6) Analisar a relação dos processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo a partir do conceito de aquilombamento digital.

No referencial teórico abordei as temáticas do coletivo Digitais Pretas, do aquilombamento digital, do empreendedorismo e o afroempreendedorismo, e da identidade social. Já nos procedimentos metodológicos evidenciei a forma como construí a pesquisa empírica, e como obtive e analisei os dados. Na análise apresentei o histórico e propósitos do Coletivo Digitais Pretas, relacionando com os relatos das entrevistadas e com as temáticas propostas neste trabalho. Por fim, nas considerações finais, busquei demonstrar as conclusões obtidas das análises realizadas, assim como possibilidades de pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento estudos e conceitos que servirão como base para a análise das questões propostas nos objetivos deste TCC. Nesse sentido, organizei este referencial teórico em quatro seções: o coletivo Digitais Pretas, aquilombamento digital, empreendedorismo e o afroempreendedorismo, identidade social.

2.1 COLETIVO DIGITAIS PRETAS

Os coletivos são originários dos movimentos sociais, segundo o autor Guimarães (2020 p.311) são:

Coletivos não são um nome novo, nem estão completamente desligados das formas antigas de organização de lutas sociais. No contexto da redemocratização brasileira é possível localizar um conjunto de grupos políticos automeando-se coletivos, assim como uma grande variedade de entidades que se intitulam coletivos, mas que são parte do movimento sindical ou de partidos políticos.

Porém, Guimarães (2020, p. 311) explica a diferença entre os movimentos sociais e os coletivos dizendo que os segundos “seriam marcados por um novo ideário organizacional mais horizontalizado, por novo repertório de ação, pelo uso sistemático de redes sociais da internet”. Justus, Romancini, Castilhos (2019, p. 6) corroboram com esse modo de compreender os coletivos ao dizer que se referem a um grupo de pessoas que reivindicam seus direitos. A legitimidade desse grupo se baseia na “capacidade de mobilização e protesto para determinada causa, capacidade de influência”; além de serem organizações com auto grau de participação dos seus membros, “a partir de incentivos ideológicos e de solidariedade (causa comum)”.

Segundo Guimarães (2020), lutas por direitos saíram da centralidade dos sindicatos alimentando a criação dos coletivos, que são formas criativas de organização da sociedade, na qual os indivíduos possuem um objetivo comum e normalmente fogem da dinâmica de uma organização de relações puramente comerciais. Normalmente sua estrutura é horizontal, menos burocrática, seus membros buscam o fortalecimento de uma causa, colaboração e a identificação de vida em comum. Neste contexto, Costa (2020, p. 46) discorre:

[...] organizações flexíveis e descentralizadas, com ênfase na troca de ideias, conhecimentos e experiências em parceria [...] reflete sobre a intenção com que as parcerias são construídas, as quais não necessariamente são unidas por afinidades

conceituais, mas também por uma questão de estilo ou ideologia, como estratégias de resistência aos obstáculos dos sistemas [...].

Esses coletivos são espaços de informação, organização e fortalecimento de grupos, sejam eles pessoas ou empresas. Além disso, os coletivos trabalham com diferentes motivações, de acordo com Gaiger, (2020, p.9):

[...] empoderamento de mulheres e fortalecimento comunitário, pode repartir-se entre a economia solidária, o sindicalismo, os movimentos feministas e as iniciativas mais recentes da moda sustentável [...] economia circular (oriundos da reciclagem).

Dessa maneira, os coletivos são sistemas alternativos para construir estratégias para ocupar espaços de pouco acesso. Em sua dissertação de mestrado Teixeira (2022, p. 39) menciona que “a articulação em rede também marca a organização e o fortalecimento da sociedade civil”. E nesta mesma linha Damion (2021, p. 64) descreve algumas das principais vantagens de pertencer a uma rede: “o senso coletivo, crescimento profissional, empoderamento, independência, sensação de pertencimento, segurança, entre outros”.

De acordo com Guimarães (2020, p. 8), “uma marca significativa desses coletivos é sua forte presença no ambiente virtual, especialmente nas redes sociais” os coletivos atuais utilizam-se das redes sociais, principalmente do Instagram, Facebook e WhatsApp, pois em termos de alcance os membros desses coletivos conseguem participar ativamente das atividades propostas. Além de alcançarem organicamente um número maior de pessoas, medidos pelo número de curtidas, repostagem, entre outras interações.

Utilizando-se da estrutura das redes sociais mencionadas por Guimarães, o coletivo Digitais Pretas surgiu em 2020, durante a pandemia de Covid-19, quando a afroempreendedora do ramo de vestuário Nellys Corrêa, teve inúmeras inquietações quanto à sua posição como mulher preta. A partir dessas inquietações postou um desabafo em uma rede social, com a ideia de dividir suas frustrações dela como mulher preta. Foi aí que percebeu que suas aflições eram comuns a outras mulheres negras. Este fato tornou-se o centro da formação do coletivo Digitais Pretas, pois a identificação da história da criadora do coletivo com outras mulheres se constituiu como base para a construção o grupo.

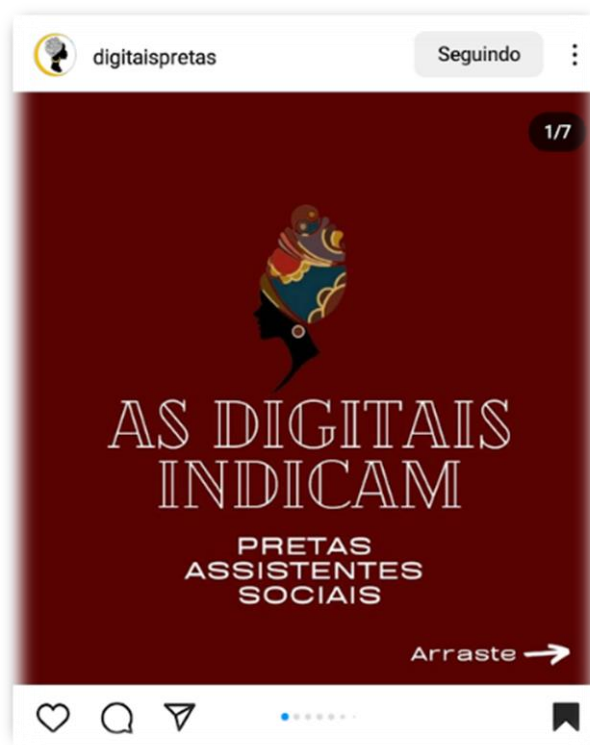
Neste contexto, em março de 2020 foi criado o coletivo Digitais Pretas, usando o Instagram como plataforma principal, com objetivo empoderar e fortalecer mulheres

potenciais, tornou-se não só um espaço para conexões profissionais, mas para fomento de ideias, aconselhamento e apoio emocional, como a Nellys menciona uma “espécie de aquilombamento” em um espaço predominantemente “branco, jovem e rico”.

As Digitais surgiram com a ideia de fortalecimento, de troca de experiências, proteção e acolhimento de mulheres pretas, agora é um impulsionador de negócios, desenvolvendo estratégias e estimulando afroempreendedores, não importando o tamanho.

Atualmente as Digitais Pretas está estruturado da seguinte forma: é administrado pela CEO (Chief Executive Officer) Nellys, a coordenadora Lenize Souza, e a responsável pelos projetos Silmara Gonçalves. O Coletivo conta com 95 colaboradoras que estão representadas nas quatro regiões do país, três países da Europa. O coletivo tem como principal função divulgar os perfis de cada integrante, buscando gerar engajamento e visibilidade.

Figura 3: Digitais Pretas Indicam



Fonte: Plataforma digital Instagram das @ Digitais Pretas

Contempla, ainda, um clube de leitura, suporte psicológico, cursos de capacitação mensais, *workshop*, encontros em diversos lugares do Brasil e outros projetos que visam

fortalecimento de mulheres em vulnerabilidade social. No Instagram contam com mais de 9 mil seguidoras, com faixa etária que vai dos 3 aos 60 anos, que possuem os mais diversos perfis. Hoje o coletivo se transformou em uma impulsionadora de negócios, está estabelecido sob três pilares: Conhecimento, visibilidades e ações presenciais.

Figura 4: Propósito e chamada para evento.



Fonte: Plataforma digital Instagram das @ Digitais Pretas

É, portanto, um espaço criado para que mulheres negras possam furar os bloqueios estruturais do empreendedorismo e ganhar visibilidade. Além de permanentemente fomentar as relações de afeto e compartilhamento entre suas integrantes, como tradicionalmente faziam os quilombos.

2.2 AQUILOMBAMENTO DIGITAL

Nesta seção falaremos do termo “Aquilombamento Digital”, que tem origem nos antigos quilombos que, de acordo com Souza (2008, p.26):

Os quilombos, historicamente, se constituíram como unidades de protesto e de experiência social, de resistência e reelaboração dos valores sociais e culturais dos africanos e seus descendentes em todas as partes nas quais a sociedade latifundiário-escravista se manifestou.

Os quilombos eram para além de um local de resistência do sistema escravista, uma organização horizontal cuja dinâmica de funcionamento baseava-se na interação entre seus sujeitos, essencialmente um lugar de compartilhamento da cultura. Segundo Velozo e Andrade (2021), os quilombos eram um local de luta e resistência dos africanos escravizados e dos afrodescendentes. Os quilombos não eram apenas territórios físicos, mas também territórios carregados de simbolismos relacionados com a identidade étnica.

De acordo com Reis (2018) na visão da historiadora Beatriz Nascimento, a partir do momento que o negro foi desarraigado do seu território, o corpo seria o próprio quilombo.

Nesse sentido, é possível, tal como propõe Beatriz Nascimento, pensar que apresentação da própria materialidade negra – o corpo – tem atualmente cumprido a função de alicerçar as memórias afro-brasileiras de um passado comum, como é possível ver na reinvenção dos corpos negros através da positividade dos cabelos trançados, do black power, das vestimentas africanas. E, portanto, podemos dizer que, para além do corpo ser o próprio quilombo, ele é o lugar simbólico de construção de coesão grupal. O corpo negro é, por assim dizer, memória, é identidade, é território e resistência.

De “tão significativos para a história do Brasil, os quilombos se transformaram em verbo: aquilombar. [...] É o corpo individual que se transforma em experiência coletiva de luta, resistência e partilha. Aquilombar é conectar em rede” (VELOZO e ANDRADE, 2021, p. 173).

O aquilombamento digital é termo utilizado por Conceição (2020, p.12) e se refere a um grupo de pessoas negras organizadas nas redes sociais, que se assemelham aos antigos quilombos. “É uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, onde ele se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de ter uma sociedade com equidade e afeto”. Neste mesmo sentido existe o termo aquilombamento virtual midiático, conceituado por Veloso e Andrade (2021, p. 185):

O aquilombamento digital midiático, em síntese, é uma ferramenta operativa encontrada na nuance da práxis, uma vez que intensifica reflexões a respeito das questões cognitivas étnico-raciais, na mesma medida em que atua diretamente no reforço da identidade negra e de sua agência na sociedade.

Segundo a Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio², realizada em 2021, 90% dos lares brasileiros já tem acesso internet. O quilombamento digital se apropria das ferramentas digitais disponíveis na internet, visando romper as barreiras físicas, contribuindo assim com a população negra que buscam autonomia e reforçando a luta antirracista. De acordo com Conceição (2020 p.11):

Nesta esfera, muitas de suas práticas vêm impactando a sociedade por meio de processos coletivos que intensificam o compartilhamento destes saberes, sempre com olhar para as mulheres negras e suas formas de organização no âmbito digital, que podemos chamar de “quilombamento”³.

Sob a ótica das distinções entre os quilombos da época colonial e os quilombos atuais, funcionando digitalmente. Os quilombos antigos eram organizados para resistência ao sistema de escravidão. Já o quilombamento digital acontece no espaço virtual, e não está em desacordo com sistema econômico vigente, no entanto, também é excluído por ele. Conforme Conceição (2020 p. 12) “sua funcionalidade caminha para a sobrevivência do agora de um povo, que visa se encontrar, se reconectar e viver, e suas possíveis transformações sociais e culturais seguem como consequência deste encontro”.

Neste sentido, Conceição (2020) destaca que uma das estratégias encontradas pelas mulheres negras, para fortalecer a figura afroempreendedora, foi adotar estratégias e conhecimento quilombolas. Na próxima seção, trarei os conceitos sobre empreendedorismo e afroempreendedorismo.

2.3 DO EMPREENDEDORISMO AO AFROEMPREENDEDORISMO

Para Dornelas (2018, p. 30) “empreender é identificar uma oportunidade, usar os recursos de forma criativa e assumir riscos”. A decisão de abrir seu próprio negócio ocorre por motivos externos como: fatores sociais, econômicos, pessoais e sociológicos. Podemos atribuir um dos fatores descritos por Dornelas no estudo realizado por (SANTIAGO, 2009, p.98)

² Pesquisa disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa#:~:text=Em%202021%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,mais%20do%20que%20em%202019.> Acesso em 21/01/2023

³ Grifo do autor.

quando menciona a mudança no mercado de trabalho.

A mudança no mercado de trabalho brasileiro, marcadamente a partir dos anos 1990, demonstrou que a retração do nível de emprego e a alteração do conceito de empregabilidade são os vetores que apontam para o empreendedorismo como forma de inserção no mercado de trabalho, fundamentalmente o de pequeno porte.

Corroborando com os dados acima, Dornelas (2018, p. 15) menciona que no Brasil o empreendedorismo passou a ser estimulado nos anos 1990 com a criação de organizações como o SEBRAE e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX). A partir deste momento foram vários acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento do empreendedorismo, como, a criação de legislação própria de apoio a micro e pequenas empresas, investimento financeiro em novos negócios, o crescimento de *startups* e a criação de negócios ponto com. Atualmente, de acordo com a pesquisa “Empreendedorismo no Brasil – Relatório executivo 2019” (2020, p. 10), que tem apoio do IBQP, do SEBRAE; a taxa de empreendedorismo total foi de 38,7% em território brasileiro no ano de 2019, segunda alta consecutiva, demonstrando o quanto o empreendedorismo é presente no Brasil.

De acordo com Borges e Enoque (2020), a maioria dos estudos realizados sobre o empreendedorismo baseiam-se suas concepções ao ato de “abrir novas empresas e a criação de novos produtos, com o passar do tempo seu significado foi ampliado ganhando importante sentido tanto econômico quanto social”.

Segundo Vale, Correa, Reis (2014) no Brasil o empreendedorismo tem forte relação com desenvolvimento econômico – sob duas perspectivas: empreendedorismo de oportunidade – que tem foco no crescimento e desenvolvimento do negócio – também é ligado a necessidade autorrealização do empreendedor (inspirações pessoais). E o empreendedorismo de necessidade – no qual o empreendedor assume o risco de empreender em negócio próprio motivado pelo contexto econômico (desemprego, desvalorização salarial).

O empreendedorismo de acordo com Oliveira, Pereira e Souza (2013, p. 8) “os estudos adaptados às localidades específicas ou relacionados a categorias sociais ainda ocorrem de forma muito incipiente”. No entanto, vem sendo abordado com maior frequência por estudos acadêmicos, devido à sua capacidade de contribuir para desenvolvimento econômico diminuindo a disparidade financeira entre as camadas da sociedade menos favorecidas. Além de ter “capacidade de criar redes, engajar pessoas, formar grupos que conseguem empreender

e contribuir para o crescimento da livre iniciativa [...]”. Lopes, Neves e Tolentino (2022, p.68).

A partir dos conceitos apresentados sobre empreendedorismo, observa-se que ele está vinculado não só às questões de ordem econômica, mas também às questões sociais, nessa perspectiva o afroempreendedorismo é uma das possibilidades de homens e mulheres negras ascenderem economicamente e diminuírem as desigualdades sociais.

Para além da função social, também é uma forma das pessoas negras resgatarem sua ancestralidade⁴. Conforme os conceitos de Amartine e Queiroz (2022, p. 9), um dos aspectos do afroempreendedorismo está relacionado com o comércio voltado à cultura negra, ou seja, proveniente do continente africano, sendo representado por indivíduos autodeclarados negros. O outro aspecto descreve o afroempreendedor como uma pessoa que se autodeclara negra e comercializa quaisquer tipos de produtos e serviços. Ainda de acordo com Amartine e Queiroz (2022, p.10).

O primeiro conceito está atrelado à força política trazida pelo afroempreendedorismo como processo de luta por igualdade, refletindo não apenas a face meramente empresarial, mas também a difusão da cultura negra, a alteração das concepções racistas existentes na sociedade, o fortalecimento da identidade negra, o estímulo à autoestima das pessoas negras, etc.

Essa ideia esta em consonância com o que discorre Lemos (2019, p. 865) “o afroempreendedorismo diz respeito sobre todos os produtos e serviços criados por pessoas negras, para pessoas negras ou não, e pode atuar junto com o conceito de empoderamento”. Segundo o autor (ou autora?) o empoderamento é uma narrativa sobre a coletividade e o afroempreendedorismo é uma forma de empoderar a “população negra”. É também, segundo Lopes, Neves e Tolentino (2022), um dos meios para correção histórica de séculos de segregação social e completa uma lacuna de trabalho, dinheiro e dignidade, elementos esses cerceados da população negra no Brasil.

Sabemos também que atualmente a maioria dos empreendedores brasileiros são negros a qual, de maneira geral, é a parcela da sociedade que busca o empreendedorismo como alternativa de sobrevivência, o chamado empreendedorismo por necessidade. De acordo com Vale, Correa e Reis (2014) tais empreendedores são aqueles atingidos pelas desigualdades

⁴ Ancestralidade é fonte de vida, sabedoria, identidade, pertencimento e criatividade, é o fio que tece passado, presente e futuro, formando uma teia de relações que conecta humanidades. É também a memória que transcende espaço e tempo para recriar futuros possíveis e saudáveis.

Fonte: <https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>

sociais e em virtude desse fato, não conseguem se inserir de maneira adequada no mercado de trabalho, buscando no empreendedorismo uma “alternativa” de geração de renda. O estudo sobre Empreendedorismo Negro no Brasil 2019, divulgados pelo GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, realizado pela plataforma Pretahub, em parceria com JP Morgan e Plano CDE, menciona que ainda existe os que empreendem por vocação e os engajados. Os que empreendem por vocação, seriam aqueles que sempre tiveram o vontade e familiaridade com o desejo de empreender. De acordo do que foi levantado na pesquisa os engajados de acordo são:

Os empreendedores engajados, que se autodenominam afro empreendedores, se identificam e têm prazer e senso de oportunidade com a atividade. Em muitos casos, eles somam o desejo de empreender com o exercício de uma atividade autoafirmativa voltada ao público afro. (GIFE,2020)

Mesmo para aqueles que nasceram com a vocação empreender sempre foi uma tarefa complexa, pois o empreendedorismo tradicionalmente é visto como algo exclusivamente branco. Desta forma, o conhecimento sobre o “empreendedor branco”, pode não se aplicar para o afroempreendedor. Segundo Lemos (2019, p. 876) o “afroempreendedorismo não se apresenta nos moldes de empreendedorismo meritocrático”, pelas barreiras específicas que cercam as pessoas negras. Corroborando com esse argumento Nogueira (2013, p. 97) menciona:

Uma vez escravos, os negros foram, até pouco tempo, vistos unicamente como trabalhadores nunca, como empresários. Dito de outro modo: a imaginação mais generosa sobre a participação dos negros no capitalismo brasileiro sempre os localizou, na melhor das hipóteses, como trabalhadores remunerados, jamais potenciais empreendedores, nem no setor privado, nem no público. Desde imediatos pós escravidão, estabeleceram-se barreiras de acesso ao crédito que ainda perduram na atualidade e a tese da meritocracia que ancora na prática dos valores sociais e políticos que legitimam hierarquias e relações de poder no Brasil. O capitalismo brasileiro é um “negócio de brancos” também na visão dos intelectuais.

O afroempreendedor passa por inúmeras dificuldades desde as diferenças no nível de escolaridade, a dificuldade em acesso ao crédito até racismo estrutural, que Almeida (2020, P.50) resume como “decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares”. A partir disso, torna-se urgente reconhecer as dificuldades enfrentadas, o que deveria ter são programas para capacitação e políticas que diminuam a desigualdade institucionalizada. Essas são algumas das

medidas necessárias para o desenvolvimento do afroempreendedorismo, de acordo com Oliveira, Pereira e Souza (2013, p. 13)

Em um país onde se busca o desenvolvimento social como um todo, é necessária a inclusão de programas com foco de atuação em suas próprias fragilidades de estrutura social, caso contrário há o risco de se promover um círculo vicioso de exclusão social.

Para diminuir a desigualdade institucionalizada, alguns afroempreendedores se juntam em redes ou se associam como forma de fortalecimento. Como menciona Monteiro (2013, p. 22): “Às associações de empresários negros está reservada a função operacional e técnica para apoiar o desenvolvimento dessas organizações com base em suas necessidades e desenvolver parcerias”. Já Villaverde (2014, p. 1) reforça a ideia ao falar do projeto Brasil Afroempreendedor:

[...] se estrutura como uma iniciativa de inclusão das populações afro-brasileiras no desenvolvimento do país, cuja premissa está amparada na reconhecida importância de desenvolver uma política empreendedora, oferecendo informação e conhecimento aos afrodescendentes.

De acordo com Nogueira e Mick (2013) apesar do crescimento do afroempreendedorismo, a maioria são classificados como microempreendedores. Mostrando que ainda existem diferenças significativas entre pessoas negras e brancas. Do ponto de vista histórico, a população negra foi lesada, constata-se a necessidade de articulação coletiva, para a diminuição da desigualdade e do racismo estrutural para o desenvolvimento deste ecossistema do empreendedorismo negro, a fim de ocupar todos os espaços.

2.4 IDENTIDADE SOCIAL

Identidade é um dos conceitos utilizados para refletir sobre a dinâmica de grupos sociais. De acordo com Cuche (2002, p. 177)

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

Cuche (2002) discorre que a identidade social se diferencia da cultura, pois seus processos de vinculação são conscientes, enquanto a cultura seriam processos inconscientes. A identidade exterioriza as diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social. Nessa mesma linha o autor Pollak (1992, p. 5) recorre a três elementos da psicologia social para falar sobre identidade social:

[...] a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

Neste contexto, Cuche (2002, p. 177) refere “todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde a sua definição social, a qual permite situá-lo no conjunto social”, pois segundo Pollak (1992, p. 5) “identidade é um fenômeno produz referências em outros”. Berlatto (2009) complementa dizendo que “todo grupo apresenta uma identidade que está em conformidade a sua definição social que o situa no conjunto social”, porém esse fato pode inferir inclusão ou exclusão, visto que se o sujeito está identificado sob certo ponto de vista dentro de um grupo, ele automaticamente é diferenciado em relação a outro grupo.

Na visão de Cuche (2002, p. 181) as correntes teóricas Objetivistas, Culturalista, Essencialista e Primordialistas sugerem a identidade como algo estático, imutável, limitadas e residem sobre a teoria que identidade é anterior ao indivíduo. Já a subjetivista reduz a identidade a uma questão de escolha individual arbitrária.

No entanto, para Cuche (2002) somente o contexto relacional, que trabalha no campo da subjetividade, pode explicar porque uma identidade é “afirmada ou reprimida”. O autor destaca a natureza social da identidade dizendo que são construções realizadas dentro do contexto social, que orientam o posicionamento dos sujeitos, e por isso retratam suas escolhas. Neste contexto o autor Berlatto (2009, p. 143) discorre:

A concepção relacional e situacional de identidade percebe os membros de um grupo como os próprios atores que se atribuem uma significação a sua vinculação, em função da situação relacional em que se encontram, visto que é no interior das trocas sociais que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente.

Segundo Cuche (2002, p. 185) a identidade relacional é processo de várias identidades, inseridas em um contexto social, determinando ou sendo determinada. “A identidade é então o

que está em jogo nas lutas sociais (relações de poder). Nem todos os grupos tem o mesmo ‘poder de identificação’, pois esse poder depende da posição que se ocupa do sistema de relações que liga os grupos”.

Entretanto, isso gera consequências na construção das identidades, visto que isso é uma sobreposição de uma identidade em detrimento da outra é uma relação de poder. Cuche (2002, p. 184) chama essas identificações de “‘auto-identidade’ definida por si mesmo e ‘hetero-identidade’ definida pelos outros”. Compreende que a “hetero-identidade” pode estigmatizar os grupos minoritários, visto que “auto-identidade” terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isso é, em particular da relação de forças simbólicas, o que o autor chama de identidade negativa.

Para Cuche (2002) na sociedade atual as minorias reconhecem essas identificações negativas frequentemente utilizadas por grupos majoritários. E é desta forma que essas minorias tomam como verdade essa identificação negativa, que se traduzirá muitas vezes em uma tentativa de eliminar as diferenças. Neste contexto de imposição de uma identidade sobre a outra, Cuche (2002, p. 187) infere.

O poder de classificar leva à "etnicização" dos grupos subalternos. Eles são identificados a partir de características culturais exteriores que são consideradas como sendo consubstanciais a eles e logo, quase imutáveis. O argumento de sua marginalização e até de sua transformação em minoria vem do fato de que eles são muito diferentes para serem plenamente associados à direção da sociedade. Pode-se ver que a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais.

Portanto, Cuche (2002, p. 185) considerou que identidade “é então um jogo de lutas sociais”. Na sociedade atual, quem pode classificar e determinar a identidade do outro são aqueles grupos que formam a autoridade legítima.

A partir dos conceitos acima descritos, especialmente os conceitos de Cuche com seus estudos sobre identidade, seguimos este trabalho buscando as percepções identitárias das mulheres que fazem parte do Coletivo Digitais Pretas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Nesta seção apresento a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste TCC. De acordo com Gil (2002, p. 10), metodologia é uma série de processos confiáveis mais próximos da objetividade empírica. De acordo com Minayo (1993, p.14):

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade, pessoal e sua sensibilidade).

Para alcançar os objetivos propostos e responder à questão da pesquisa: **quais são os processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo Digitais Preta?** optei pela abordagem qualitativa interpretativa, visto que os dados foram coletados através das técnicas de entrevista e pesquisa documental. A pesquisa qualitativa interpretativa de acordo com Godoy (1995, p. 21):

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativo”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto o pesquisador vai ao campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.

Optei pela técnica de entrevistas em virtude do que discorre Gil (2008, p. 109):

Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo valor semelhante aos tubos de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia.

Para este estudo realizei entrevistas a partir de dois roteiros semi-estruturados: um deles direcionado para a criadora do coletivo e o outro para suas seguidoras. A organização desses dois roteiros (ver Apêndice) serviu para obter informações mais personalizadas considerando a diferente relação da criadora e das seguidoras em relação ao coletivo. Em ambos, entretanto, há intenção de compreender as trajetórias e os processos identitários dessas mulheres.

Visto isso, destaca-se que foram realizadas o total de sete entrevistas, todas mulheres declaradas negras, sendo uma a criadora e as outras seis seguidoras e participantes do coletivo. Uma vez que a maioria das entrevistadas são residentes de outros estados, todas as entrevistas foram realizadas por meio virtual, via *google meet*, com duração média de 40 minutos. Todas as entrevistas aconteceram no período entre janeiro e fevereiro de 2023.

Ainda para que não fosse perdida nenhum momento sensível, as falas foram salvas com um gravador de áudio e transcritas pessoalmente. Segundo Gil (2002) “o processo de análise inicia-se com a transcrição da primeira entrevista ou com o primeiro registro de observação”.

Em virtude do coletivo trabalhar com as redes sociais também utilizei a pesquisa documental, que de acordo com Gil (1995, p.24) é:

O Exame de matérias de natureza diversa, que ainda não receberam tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se interpretações novas e/ou complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental.

Desse modo, foi feito um registro documental nas redes sociais do Digitais Pretas, visto que um dos objetivos é entender como o coletivo entrega as atividades propostas que abordam temas que legitimem e valorizem suas atividades e o lugar dessas das mulheres negras.

De posse de todos os dados, entrevistas transcritas e material documental, me debrucei sobre as histórias dessas mulheres, buscando categorizar as informações advindas de suas falas. Cheguei a seis categorias às quais nomeiei a partir de frases representativas referidas pelas entrevistadas em diferentes contextos, ou seja, essas falas foram ditas respondendo à diferentes perguntas dos roteiros de entrevistas. Entendi, entretanto, que essas falas representavam “padrões subjetivos ou não” de acontecimentos na vida das entrevistadas. Nesse contexto, busquei por meio das categorias uma aproximação com conceitos trabalhados no estudo.

Além dessas seis categorias, acrescentei uma primeira seção encarregada de apresentar essas mulheres e os motivos que as fizeram entrar no coletivo Digitais Pretas.

No próximo capítulo irei detalhar as categorias que buscaram responder à questão de pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este tópico é destinado à análise e interpretação das informações obtidas por meio das entrevistas e da pesquisa documental já mencionadas anteriormente. Sendo assim, este capítulo de análise se organiza nas seguintes seções 3.1) Perfil das entrevistadas, 3.2) Antes dos trinta e poucos; 3.3) Uma trajetória profissional não linear; 3.4) Apagamento digital da mulher preta; 3.5) Empoderar mulheres pretas; 3.6) Afro empreender é um ato de se libertar e de se proteger; 3.7) A gente se aquilomba!

4.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Para analisar o tema proposto, ofereço uma breve apresentação das setes entrevistadas, as quais contribuíram para esta pesquisa. Além disso, discorro sobre os motivos que levaram Nellys a fundar o coletivo Digitais Pretas, assim como as motivações das usuárias para começar a segui-lo.

Nellys, 49 anos, mentora de negócios e criadora do coletivo Digitais Pretas moradora da cidade de Gramado - RS. Nellys relata que sempre cresceu com exemplo de mulheres fortes e batalhadoras, mulheres que faziam de tudo para dar o melhor para seus filhos. Ela cresceu com esta imagem e entendeu que precisava manter isto, “eu preciso ser a forte, a que busca!”. Além disso, conta que fora as mulheres da família, não cresceu com referência externas. Isso fez com que ela buscasse identificação com as pretas americanas, mas estas estavam muito longe da sua realidade, ou com as passistas de escola de samba, “porque pra mim elas eram as mulheres que eram parecidas comigo e eram aceitas”.

Por que fundou o coletivo Digitais Pretas? Em junho de 2020, em meio a pandemia, Nellys procurou as redes sociais para desabafar sobre suas inquietações sobre ser uma mulher preta. E se surpreendeu quando começou a ter retorno de outras mulheres que se identificavam com suas palavras. Então começou a fazer *lives*⁵ chamando essas mulheres para conversarem. Nellys salienta que essas lives não falavam de dor ou de racismo, claro que por vezes esses assuntos permeavam as conversas, mas não intencionalmente. Essas *lives* tinham o objetivo de falar sobre a vida acadêmica, vida profissional, objetivos de vida, entre outros.

A cada *live* Nellys relata que saía fascinada com as mulheres que tinha contato, pois a energia, o conhecimento compartilhado dessas conversas era surreal “caraca eu posso mudar o

⁵ Lives: Realizar transmissões ao vivo através da Internet.

mundo com essa energia que eu recebi”. Em novembro de 2020, Nellys pensou: “Bora fazer um grupo, vamos juntar essas mulheres para que automaticamente os meus seguidores vão ver os seguidores das outras e os outros vão ver... nesse ciclo a gente vai conseguindo aumentar”. Então, contando com a participação de trinta e cinco mulheres em 10/12/2020 o coletivo Digitais Pretas inicia com sua primeira postagem.

Júnia, 43 anos, professora de inglês e proprietária de uma escola de idiomas, moradora Divinópolis – MG, relata que passou por um longo período na sua vida que não gostava de ser negra, “porque eu nunca sou escolhida, eu nunca estou onde eu quero tá, não faço as coisas que gostaria”. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? Entrou no coletivo após a pandemia, pois precisava se capacitar para dar aulas *on-line*⁶. “A tecnologia está avançando rapidamente, ou você vai ou fica para trás, eu escolhi ir!”

Patrícia, 45 anos, jornalista e assessora política, moradora de Salvador – BA. Uma das primeiras falas da Patrícia começa com “eu não preciso usar nenhum nome fictício porque meu nome eu ganhei na justiça, por um recorte racial familiar e eu amo muito meu nome”. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? No período de pandemia procurou realizar cursos disponibilizados nas redes sociais. Em uma dessas buscas apareceu o link das Digitais Pretas, quando viu aquele monte de mulher preta a identificação foi imediata e começou a seguir o coletivo.

⁶ On-Line: Expressão em inglês, para dizer que alguém está disponível via internet.

Figura 5: Primeira postagem das Digitais Pretas.



Fonte: Post realizado na plataforma digital Instagram das @ Digitais Pretas, 10/12 /2020.

Silmara, 35 anos, gestora de projetos, marketing social e digital, moradora de São Paulo - SP. Silmara, é órfã de pai e mãe, relata que quando se viu com sua filha de 4 anos, querendo ser branca e alisar o cabelo, passou a ler livros, estudar educação antirracista, procurou entrar no coletivo para buscar a cura para sua filha, mas ao mesmo “fui buscar a cura pra mim”. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? Após sua filha passar por um episódio de racismo, entrou no coletivo buscando letramento racial para saber lidar com essa situação, visto que sua filha era mini digital influencer⁷. De acordo com Twine, citado por Rosa (2022, p.23).

Letramento racial é um processo de alfabetização antirracista que tem como objetivo responder às tensões raciais através de um ponto de vista individual. É preciso ensinar a identificar e compreender as hierarquias raciais, onde é impossível administrar racismos cotidianos se não forem ensinados a identificar essas manifestações naturalizadas do racismo.

⁷ Influencer: é uma pessoa que é capaz de influenciar pessoas por meio de suas redes sociais.

Ana Paula, 44 anos, psicóloga, moradora de Belo Horizonte – BH, relata que esta conectada com a sua beleza, e que foi difícil de reconhecer isso, pois teve apenas um único professor negro na universidade. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? A partir de uma interação com uma postagem das Digitais Pretas, na qual procuravam uma psicóloga preta.

Michelle, 44 anos, contadora e consultora financeira, moradora de Porto Alegre – RS. Contou que sempre foi muito submissa e prestativa, porém acredita que fazia isso procurando aceitação nos lugares em que estava inserida. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? Conheceu as Digitais a partir de um podcast que a Nellys estava participando. Quando Michelle ouviu Nellys falando “super se identificou”. Por que dentro dos espaços e dos “networks⁸” que Michelle participava ela não via muitas oportunidades.

Gilsanne, 29 anos, formada em direito, empresária e mentora de negócios na UFRGS, possui dupla nacionalidade, brasileira e queniana, atualmente moradora de Porto Alegre - RS. Gilsanne fala da falta de apoio que da comunidade preta no Brasil, pois segundo ela “quando tu é africana é como se fosse um negro abaixo da linha do critério, a comunidade preta nunca me apoiou”. Por que entrou no coletivo Digitais Pretas? Gilsanne conta que começou a seguir as Digitais após ter sua conta no Instagram hackeada⁹. Sua empresa, estava bem no começo e ela precisava se destacar num ramo “predominante masculino e branco”. Em uma live feita pelas Digitais, as outras participantes do coletivo trouxeram vários “insights”, os quais ajudaram a se reerguer.

4.2 ANTES E DEPOIS DOS TRINTA E POUCOS

Ao serem questionadas sobre sua trajetória de vida as falas das entrevistadas ficaram marcadas a partir de dois momentos. O primeiro seria o período que vai da infância até parte da vida adulta, com uma série de inquietações, vivência com preconceitos, questionamentos sobre sua cor e o espaço que a mulher preta ocupa na sociedade. E o outro período, já na vida adulta, na maioria dos casos após os trinta anos, no qual há uma ruptura com o período anterior, havendo um encontro com o amadurecimento e o letramento racial.

O caminho dessas mulheres até chegar nesse letramento racial na maioria das vezes passa pelo racismo estrutural. Por estar entranhado nessas estruturas sociais esse racismo nem

⁸ Network: Rede de trabalho – rede de contatos.

⁹ Hackeada: Ter sua conta na internet invadida por terceiros.

sempre é declarado, mas é sentido. A fala da entrevistada Júnia demonstra um pouco como se articula essa situação na vida das pessoas pretas:

Desde a infância os preconceitos são enormes, nos perceber diferentes, a gente não sabe exatamente o que é, só percebemos que não fazemos parte de certos grupos, tem certas brincadeiras que não somos convidados a participar. Somos isolados privados de várias coisas, que a gente percebe que a gente não está no grupo que gostaria. E inicialmente, a gente não percebe que é por sermos negros, só nos percebemos neste lugar desconfortável.

Na infância, mesmo com a proteção familiar, não era possível ficar imune aos preconceitos de cor, como relatado na entrevista da Ana Paula:

Eu era princesinha do meu pai, mas quando eu fui para escola, eu já não era tão princesinha assim, eu já era alvo de piadas, por conta do meu cabelo [...] e aí pra mim foi uma surpresa, descobrir que nem todos os lugares, eu era uma princesa, eu era cuidada e respeitada.

A entrevista da Júnia, também nos fala sobre o “peso de sermos negras”, o qual vai se perpetrando durante a infância e a adolescência.

Enquanto criança, falando de negritude o lugar que eu visitei não era o lugar que eu gostaria de estar, sempre foi assim. As imagens e as lembranças não são das mais positivas. E caminhando para adolescência o fardo só pesa porque aí entra a consciência de que estou aqui, mas gostaria de estar lá.

No caso da Gilsanne, que nasceu no Quênia, quando veio para o Brasil sentiu de forma precoce a diferença entre os dois países. A entrevistada analisa sua conjuntura de vida como mulher preta no Brasil como algo marcante pois descobriu que este é um país racista, no qual ser negro é algo “pejorativo”, e simultaneamente não pode contar com uma rede familiar ampla para seu acolhimento e suporte.

Também me descobri preta aqui no Brasil muito cedo, mesmo com 4 anos, porque sofri racismo desde que cheguei no Brasil. Então entendi que no Quênia a minha cor não interferia em porcaria nenhuma, mas aqui era algo pejorativo, isso foi um choque pra mim, porque no Quênia eu era acolhida, tinha minha família, enfim bastante coisas que me davam suporte.

Na trajetória dessas mulheres percebemos o quanto a família tem o papel de dar suporte, proteção e ensinamento. Silmara conta que seu avô sempre dizia: “Você é preta, então você tem que ser uma das primeiras”. E estes ensinamentos são refletidos no passar do tempo, como ela

mesmo fala “Isso eu trago para minha vida toda ... é tão complexo isso que a gente ouviu quando criança a gente tende a reportar tudo quando adulto”.

No entanto, no caso da Patrícia verificamos que o preconceito também se fez presente dentro do ambiente familiar.

Para minha família do lado de cá [*por parte de mãe*], casar-se com pessoa negra – meus avós disseram que era fazer “barriga suja¹⁰”, minha vó portuguesa e meu avô gaúcho, mesmo meu pai sendo funcionário da Petrobras e minha mãe sendo funcionária pública, ninguém ficou feliz com a relação deles. Como retaliação minha vó tirou o meu sobrenome, disse a minha mãe que poderia me registrar sem o sobrenome da família.

Além disso, Patrícia relata ter crescido ouvindo sua avó a seguinte “recomendação”: “estude porque sua cor não lhe ajuda, e não apareça aqui de barriga suja”.

Essas mulheres seguem para vida adulta, mas não se livram do preconceito, a cada fase da vida o racismo volta aparecer, como relata Ana Paula em relação à sua experiência universitária:

Na faculdade o preconceito me marcou, aqui eu estudei na PUC que é uma universidade particular, aí o público é diferente, é elitizado. Muitas vezes, mesmo não estando com o uniforme, eu era confundida com as moças da limpeza.

Ou Michele quando fala da situação de racismo que sofreu no seu trabalho.

Passei por uma situação de racismo no trabalho, saí arrasada, chorei muito, tive de buscar ajuda psicológica. Apesar de já ter passado por racismo na infância, aquela coisa já fui chamada de macaca, na escola era chamada de Murf¹¹.

Mesmo tendo esse caminho, por vezes tortuoso, essas mulheres aprenderam desde cedo a serem fortes como, sensivelmente, a entrevistada Silmara discorre:

Porque nós mulheres [*pretas*] fomos ensinadas desde criança a sermos fortes, ouvimos muito “você precisa ser forte”, mas isso não é necessário que seja dito para nós, porque a gente já vem resistindo e insistindo a nossa vida toda, quando nós nascemos pretos, nós nascemos com uma marca, nós somos obrigados a ser fortes por inúmeras questões.

E a partir desse contexto essas mulheres mostram em suas falas que tudo que viveram não as impossibilitam de se conectar consigo mesmas e buscar novos caminhos. Tais mudanças refletem nelas próprias e na criação dos seus filhos, como sinaliza a Silmara.

¹⁰ Barriga Suja: Termo utilizado quando mulheres brancas tinham filhos negros.

¹¹ Murf: Macaco de pelúcia que fazia sons característicos da espécie ao apertarem sua barriga.

Eu prometi para mim mesma que quebraria o ciclo independente da infância triste e sofrida que tive. Eu faria tudo para ser diferente como mãe, como mulher. Depois que a gente tem um filho, a gente se torna espelho, e isso foi bastante crucial, onde eu pude me reconstruir. Então, como mãe tento fazer diferente da criação passada, sempre trazendo referências boas, porque a gente não pode apagar o passado, mas sempre trazendo referências que possam trazer uma boa imagem para minha filha.

Na maioria das entrevistadas o rompimento com passado se mostra mais claro entre os trinta e quarenta anos. Acontece de forma sutil em um processo de autoconhecimento e de identificação. Como podemos ver na fala da CEO das Digitais Pretas:

Ser a Nellys era uma coisa que eu não conhecia, porque eu sempre fui a pessoa que se adaptava ao que era permitido, passei boa parte da minha vida sendo assim, sendo moldada pela condição dos outros. Até os 39 anos, quando eu comecei me irritar com algumas coisas, mas eu não entendia as situações que estava vivendo. Oficialmente entre 40 e 41 anos foi quando conheci quem eu era de verdade, aí minha vida mudou.

Silmara fala que se descobriu com 35 anos com a ajuda do coletivo Digitais Pretas “falo para Nellys, nossa! essa mulher já existia há muito tempo, mas de alguma maneira ela estava dormindo e com as Digitais houve um *start* e eu pude acordar”. A entrevistada Júnia também fala que somente “após 19 anos de casada que comecei o processo de me conhecer e de me aceitar”.

Por mais triste e desconfortável que foram as situações que viveram, essas mulheres conseguem aos poucos se ver e se posicionar de forma diferente, pois entendem o tamanho de suas conquistas. Isso fica perceptível na fala da Júnia.

A partir de uns dez anos pra cá, tenho me olhado de uma maneira diferente, reconhecendo o valor que eu tenho, porque é altíssimo. Vendo minha história de vida precisei atingir a maturidade para olhar pra mim, enquanto mulher preta, e ver o poder que eu tenho, a história grandiosa construída por mim. Hoje dentro da minha profissão de professora, empresária e dona de uma escola de idiomas.

Também é possível ver como posicionamento profissional serve de balizador nessa transição de fase. Como a Patrícia fala de forma poética: “Quando eu fiz magistério eu me libertei de todas as amarras, não precisava ficar só em tons pastéis, podia me maquiar do jeito que eu queria”. Entretanto, a fase profissional dessas mulheres não foi linear, como analisaremos na próxima sessão.

4.3 UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NÃO LINEAR

O início da vida profissional dessas mulheres quase sempre era confuso, não era uma escolha própria e na maioria das vezes tinha objetivo principal de suprir a necessidade de colocar dinheiro dentro de casa para ajudar seus pais ou para pagar seus estudos e seu próprio sustento. Entendo que a primeira fala que preciso trazer é o relato da Gilsanne, pois foi a partir do depoimento dela que eu construí o nome dessa seção.

Eu digo assim, quando você é pobre não tem uma trajetória muito linear como uma pessoa branca de classe média - Então, “bico¹²” eu sempre fazia desde os 11 anos para ajudar em casa. Mas minha primeira carteira assinada foi aos 16 anos. Comecei a trabalhar com vendas, porque tinha conseguido uma bolsa em um curso de vendas e marketing.

Assim como relatou Gilsanne na fala da Silmara conseguimos identificar o processo que a maioria das entrevistadas passou:

Eu costumo dizer que eu me redescobri e tenho decisões agora com 35 anos, porque por ter uma educação rígida eu passei a trabalhar e as vezes eu não estava feliz no trabalho, mas tinha que trabalhar por questões financeiras e por ser o suporte, porque eu sempre falava vou trabalhar e fazer o melhor para os meus filhos, e aí foi onde me encontrei num trabalho onde eu estava infeliz, mas por conta de toda a necessidade a gente acabava se submetendo a tais questões e por fazer certo, sempre me doei para fazer o meu melhor.

De modo mais intenso, Gilsanne demonstra inquietação com a situação que viveu: “Já fiz muita coisa por dinheiro a minha vida toda e nunca fui feliz era as vezes humilhada, tive crises de pânico por causa do dinheiro”.

As vezes por “força do destino” elas começam a trabalhar com algo que não era exatamente o que queriam, mas com passar do tempo se torna um trabalho passível de ser positivo para suas vidas. Como no caso da Michelle, que no início de sua trajetória profissional fez uma escolha por necessidade, porém atualmente entende que mesmo não sendo professora, como queria, realiza o seu sonho ensinando educação financeira.

Eu caí na contabilidade de paraquedas, nunca pensei em fazer, era jovem e não tinha uma profissão, sempre fiz muitos cursos, estudava bastante. Então surgiu a oportunidade de fazer o curso técnico de contabilidade, já na escola logo iniciei o estágio na área, fui indo e estou até hoje. [...] O meu sonho sempre foi ser professora, hoje acho eu estou dentro do meu sonho, pois com educação financeiro, foi algo que eu

¹² Bico: Realizar algum tipo de trabalho informal ou extra.

me apaixonei, posso dizer que sou realizada, ainda trabalho com contabilidade até eu conseguir um número maior de clientes com as mentorias financeiras.

É interessante observar que a família também tem um papel nas escolhas profissionais, dessas mulheres, direta ou indiretamente. Como o relato da Michelle (acima), que começou a trabalhar para dar suporte na sua família ou como a Patrícia (abaixo), que relata que sua escolha partiu de uma exigência familiar.

Eu me formei no Magistério, eu era normalista, me formei com 18 anos em Salvador e lecionei até os 25 anos, porque eu tinha que levantar grana para fazer faculdade. Na minha família todo mundo podia fazer faculdade com tanto que primeiro fizesse Magistério, meus avós achavam que era uma profissão que a gente nunca morreria de fome, no coração inocente deles né!

Nellys também menciona a família, explicando que começou sua vida profissional aos 18 anos, pois sua mãe queria que ela estudasse “aquela questão de família preta, as mais velhas trabalham para que as mais novas tenham condições de estudar”.

Nos relatos das entrevistadas, com raras exceções, conseguimos perceber que muitas vezes seus sonhos profissionais foram retardados, para que pudessem prover seu próprio sustento, ou para atender as obrigações imposta pela família ou por não ter seus sonhos incentivados. Como aconteceu com a Gilsanne, que sempre quis ter a empresa que tem atualmente, porém o racismo de uma professora criou obstáculos maiores ainda para chegar ao seu objetivo.

Quando eu falei para minha professora, ela falou que pessoas pobres e pretas como eu nunca poderiam fazer isso, que era para eu parar de sonhar com algo totalmente fora da minha realidade. Eu nunca fui incentivada a colocar para frente esse sonho.

Entretanto, de todas as entrevistadas, Júnia e Ana Paula chamam atenção por terem, diferentemente uma trajetória profissional mais linear. A Júnia entende o quanto que ela se diferencia da realidade, da maioria das mulheres negras quando ela fala: “Eu sou uma pessoa... eu sou uma felizarda, porque estou num lugar que eu sempre sonhei a vida inteira. Desde os meus 9 anos queria ser professora de Inglês”. Já com Ana Paula, mesmo ela tendo iniciado sua trajetória profissional em outra profissão, conseguimos perceber satisfação até a chegada à psicologia que é sua formação atual.

Após o término do ensino médio fiz uma experiência de trabalho aqui na prefeitura de Belo Horizonte, alguém que conhecia alguém, que precisava de alguém. Aí fui, fiz a

entrevista e fui contratada, quando eu fui trabalhar eu conheci uma psicóloga muito bacana descolada [...] fui trabalhar com ela e tive uma experiência com na área de assistência social e aí comecei a atender um público que não era muito diferente das minhas tias, mulheres, mães, solteiras (a gente já reformulou esse conceito) precisavam fazer cadastro para o Bolsa família e aquilo foi me tomando. Então eu naveguei pelo serviço social, mas ainda não era o que me encantava. Foi quando eu participei de uma aula aberta sobre Psicologia, antes de fazer o vestibular, eu falei aqui que eu quero ficar [...] foi diferente o percurso, mas eu entendo que cada vez que eu acolhia uma família que chegava pra fazer um cadastro do bolsa família, era uma forma de começar ali né! Essa anamnese, esse contato terapêutico, porque eu construía ali um ambiente acolhedor para cada uma dessas famílias. Então foi depois que eu faço a experiência de trabalho na prefeitura, na área social é que me vem a possibilidade de fazer a psicologia.

Entretanto, as entrevistadas ao almejam objetivos maiores ou trilharem novos caminhos profissionais, com a ajuda das redes sociais, encontram uma nova barreira: o histórico apagamento de mulheres pretas, que se estende inclusive ao mundo digital.

4.4 APAGAMENTO DIGITAL DE MULHERES PRETAS

As redes sociais é um importante meio utilizado por todas essas mulheres para fomentar seus negócios e carreiras. No entanto, é, também, o lugar que dispara gatilhos sobre o apagamento da mulher preta. O que acontece nas redes sociais são o reflexo do que vivemos na nossa realidade, e este apagamento é histórico, não é de hoje, como discorre (CISNE e INAEL, 2022, p.191).

Vivemos em uma sociedade patriarcal-racista-capitalista que renova continuamente as relações desiguais que marcam a formação do Brasil, desde o período colonial. Dentre as expressões dessa desigualdade, há uma forte invisibilidade das mulheres negras.

Nellys, A criadora do coletivo, percebeu muito rapidamente esse apagamento digital da mulher preta, tendo isso ocorrido simultaneamente ao longo de seu processo de se entender como mulher preta. Foi esse um dos fatores que a fez criar o coletivo:

Em junho de 2020, quando me vejo uma mulher preta, um dos primeiros atos que eu fiz, foi olhar para minha rede social [...] e fiquei olhando e pensei olha a quantidade de gente branca que eu sigo, não que eu não possa seguir pessoas brancas, eu até branco meu marido é branco, mas essas pessoas estão me acrescentando no que? A imagem delas está me fazendo bem por eu querer ser elas ou não? A primeira coisa que eu fiz foi uma limpa no meu Instagram, até fui bloqueado pelo Instagram de tanta gente que deixei de seguir. Aí comecei a buscar, porque nós pretos as vezes vivemos numa bolha, principalmente nós morando aqui no Sul, o que está na nossa volta muitas vezes não nos apresenta e o meu Instagram era refletido nisso [...] quando eu fiz essa limpa eu comecei buscar e não foi fácil buscar, mas vem cá ...cadê?...cadê? e nessa busca achei muita mulher fodaaaa!!! mas que pareciam estar do outro lado do mundo.

Nellys continua se questionando:

Eu ficava pensando essas mulheres são tão poderosas, porque elas não têm números, por que a rede social não as mostrou pra mim antes? Será que tem mais gente buscando [outras mulheres pretas] e não está achando?

Nesse mesmo contexto Ana Paula faz questão de falar que ela é uma “psicóloga formada dentro de vila e favela”. Então, quando ela vai buscar outras psicólogas nas redes sociais só tinha gente que ela não se identificava e que não à representava: “Quando eu entrava no Instagram de uma psicóloga branca, era uma coisa surreal, aquelas mulheres super maquiadas, barriga tanquinho, várias viagens, etc... falava gente do céu, não sou eu!” Ela sabia que poderia encontrar outras pessoas com as quais se identificaria, mas se perguntava onde estariam essas pessoas? Nas palavras de Ana Paula: “Sempre tive pra mim que a rede, ela acalenta uma inquietação que é: tinha certeza de que não estava sozinha, mas onde está todo mundo? Quando a gente olha é tudo muito padrão eurocêntrico!”

Outro viés importante a ser pensado, é pautado a partir das experiências vividas por Patrícia a qual argumenta: “o Brasil é desigual ao acesso à educação e a inclusão digital, está todo mundo falando em 5G¹³ e ainda tem gente lutando por uma banda larga¹⁴”. A partir desse relato podemos pensar, que as pessoas não tendo acesso à internet, elas simplesmente não existem nas redes sociais. Não só isso, tendo acesso à internet elas encontram outras dificuldades, como o analfabetismo digital e à falta de didática adequada nos cursos existentes, dificuldades essas relatadas por Patrícia:

O analfabetismo digital é uma realidade, que ninguém leva em consideração, fui notando que muitas das mulheres pretas aqui de Salvador, não sabiam nem o que é mudar o perfil do Instagram, muito menos link na bio¹⁵. Montei uma mentoria de produção textual, que eu já fazia quando eu alfabetizava mulheres. Só que aí, eu não achava que pessoas que tinham acesso à educação eram de fato analfabetas digitais.

Patrícia continua:

E as promessas de grupo de WhatsApp e Instagram de capacitação de empreendedorismo digital, quando eu começava a fazer, eu pensava assim: Pow! essa mulher não conhece a minha dor, ela fala de um jeito, até dos programas de computação voltados para o Instagram e Facebook, elas se comportavam, todas elas, porque cheguei a fazer uns quatro [cursos], era de graça. Elas falavam como se a gente tivesse domínio, como se a gente soubesse o que elas estavam falando.

¹³ 5G – Última geração de rede móvel de internet.

¹⁴ Banda Larga: Neste contexto o termo foi utilizado para dizer que as pessoas não têm acesso a internet básica.

¹⁵ Link na bio: utilizado nas redes sociais é uma seção geralmente abaixo do nome que contém informações relevantes sobre você ou sua empresa.

E isso vem ao encontro com o que a Gilsanne concluiu em seu trabalho na faculdade de Ciências Sociais: que as redes sociais tanto podem te ajudar, quanto ser prejudicial.

Na faculdade de Ciências Sociais eu tive uma pesquisa como você está fazendo, o tema era apagamento de mulheres pretas, e eu achei interessante essa fala nas redes sociais, que tem sido tanto uma impulsionadora de mulheres pretas, mas ao mesmo tempo como ela pode ser nociva e pode apagar uma mulher preta da mesma forma, e como é uma luta incessante da mulher preta com os algoritmos. Com toda uma estratégia de marketing, toda uma estratégia de posicionamento, que não é a mesma coisa de uma mulher branca e rica.

Como foi apresentado apagamento de uma mulher preta pode acontecer de muitas maneiras, sendo que aqui mostramos como este apagamento pode ocorrer no campo digital. Por isso a ideia de empoderar mulheres está no “manual de funcionamento” desse coletivo, não única e exclusivamente por este motivo, mas por ser importante no crescimento profissional dessas mulheres que empreendem por meio das redes sociais.

4.5 EMPODERAR MULHERES PRETAS

Empoderamento vem do inglês empowerment. O conceito surgiu nos Estados Unidos, na década de [19]70, com o objetivo de debater questões civis relacionadas à raça. Logo, foi incorporado pelo público feminino. No Brasil, o termo começou a ganhar força a partir da segunda década dos anos 2000, com a ascensão das redes sociais (UCS, 2020).

Quando pedi para Nellys falar sobre o propósito do coletivo Digitais Pretas, pensando do mais amplo ao mais específico, ela respondeu categoricamente que é “empoderar mulheres pretas dar visibilidade a afroempreendedoras e mostrar que o nosso lugar é onde a gente quiser estar”. É a partir dessa fala que construí essa categoria, ou seja, minha intenção foi mostrar o quanto o propósito da fundadora se reflete nas falas das participantes.

De forma geral o relato das entrevistadas mostra que a entrada no coletivo gerou uma mudança de postura como mulher preta, como na fala da Michelle:

Hoje como mulher negra eu não me permito mais que aconteça coisas, que aconteceram no passado, de eu me deixar ser abusada, digo no sentido profissional, que na verdade sempre acabei cedendo as pessoas que davam preço no meu trabalho. É aquele papo de vó que diz “Quem muito abaixa mostra bunda”, essa era eu!

Além disso, ela continua após um longo suspiro “Aí eu me vejo uma mulher negra, forte e poderosa... hoje eu me vejo assim! Me sinto forte, por ser quem eu sou, por ser a Michelle

que eu sou”! Também demonstrando uma mudança de identificação e posicionamento temos a fala da Silmara:

Eu gosto muito de falar sobre, antes eu era uma hoje sou outra, através das digitais eu aprendi, cresci, passei a olhar pra mim diferente né! Eu torno a dizer, ouvir as histórias, ouvir a dor da preta do lado é força pra gente, porque aí você vê que não está sozinha. Então, eu mudei muito, amadureci, antes eu ignorava os problemas, hoje eu consigo enfrentá-los.

Patrícia atribui ao coletivo, a forma do seu posicionamento e começa a reconhecer a ampliação de suas capacidades e seu empoderamento.

Ninguém mais manda eu calar a boca! Não tem mais essa de eu me perder em mim, com relação ao meu lugar de fala, porque assim, elas são uma grande rede de apoio, eu me senti mais forte. Quando eu coloco a frase: eu posso lhe ajudar, eu tenho consciência que de fato eu posso ajudar.

Júnia expressa sua primeira impressão ao encontrar o coletivo, e salienta que não é um grupo para falar de dor, mas para se empoderar e empoderar outras mulheres, visto que conhecer mulheres cheia de potenciais, de vários lugares às fortalece.

As Digitais Pretas quando encontrei, pensei: O que é isso? Não é um grupo de mulheres para falar de dor. A gente está para se empoderar, para se autoajudar e se apoiar. Para mostrar nosso lado profissional, muitas mulheres estão iniciando, que nós precisamos apoiar, se aquilombar, se juntar para crescer profissionalmente, nos reconhecer enquanto mulher preta e cheias de poder e de possibilidades de crescimento.

Conhecer mais de perto essa potência preta e feminina. Até então eu conhecia poucas mulheres negras e que se destacavam e que eu podia admirar, tem tanta gente tão boa ali e pessoas comuns, aqui, no Rio, em São Paulo e no Sul. Enfim, existem essas mulheres muito poderosas e potentes. Então, saber que tem essa quantidade de mulheres, que assim como eu pode fazer diferença na vida de outras pessoas, isso é encantador!

A ideia de empoderar acontece não só quando as entrevistadas estão interagindo dentro do coletivo, mas para os espaços de interação fora dele. Como Patrícia relata seu posicionamento diante de outras mulheres em situação de vulnerabilidade social:

Eu notava que não dava para empoderar mulheres sem o direito de ler e escrever. Então... dentro desses espaços de poder político que eu era nomeada eu dava um jeito de mobilizar projetos pra que as mulheres que vivessem em situação de violência tivessem acesso ao direito de ler e escrever, sendo alfabetizadas, para entender seus próprios direitos.

Esse relato vai muito ao encontro com a ideia da Nellys na criação do coletivo, quando ela fala “o ponto era ser uma mulher negra e querer fortalecer outras mulheres negras, por meio da sua imagem, suas redes, nosso conhecimento, nossa palavra”.

Vale salientar que esse empoderamento acontece a partir de uma rede social, pois a maioria das entrevistadas moram em estados diferentes, mas mesmo estando distantes elas conseguem perceber essa “conexão”, como na fala de Ana Paula.

Agora tenho certeza de que posso dominar o mundo, todo dia! E eu não estou sozinha. É muito engraçado isso, porque, uma coisa é a gente estar aqui no nosso grupo fechado, onde a gente se encontra e discute as coisas, mas depois conseguir perceber que não estamos isoladas, que essa conexão tão imediata que a rede social proporciona para gente é uma coisa surreal.

Uma das características do empoderamento é dar voz e autonomia, principalmente às minorias, em um claro movimento que induz o crescimento individual e coletivo. Visto isto, conseguimos perceber o quão importante é empoderar essas mulheres, principalmente por estarem em coletivo afroempreendedor.

4.6 AFROEMPREENDER É UM ATO DE SE LIBERTAR E DE SE PROTEGER!

No entendimento das entrevistadas a identificação com o afroempreender está no sentido de se ser uma rede de proteção e acolhimento. Não só isso, fazer a economia girar entre pessoas negras e sentir satisfação com as suas conquistas e das outras.

Nellys quando questionada sobre o termo afroempreender, define como:

Sempre defino como algo que é nosso, uma necessidade que nasceu mil anos atrás para as mulheres, principalmente para as mulheres pretas de conseguir serem livres. Então temos que entender que afroempreeder é um ato de se libertar a meu ver, mas muitas vezes, muitas pessoas, com todas essas dificuldades, elas não conseguem visualizar isso da forma certa. Eu digo que empreender é um desafio, mas ele é libertador, porque a partir disso a gente consegue se tornar independente, consegue ter nossa renda e consegue sim, inspirar outras pessoas.

Nellys explica que além de empreender, ela estimula outras mulheres, com seguinte lema “eu falo que todas as mulheres vendem algo, vendem um produto, vendem um serviço, vendem a imagem, vendem o conhecimento, vendem a fala... todas vendem alguma coisa é só tu saber colocar isso da forma certa”.

Sobre afroempreender o relato de Júnia corrobora com as palavras de Nellys:

Pessoas pretas empreendendo, se apoiando o *Black Money*¹⁶, vou escolher a partir de agora que eu tenho essa consciência da importância de nós nos ajudarmos mutuamente, o profissional que eu for precisar para prestar um serviço eu quero que ele seja preto. Ah! vou comprar numa loja de roupa, quem que eu tenho perto de mim, que é preto e tem uma loja de roupa. Atualmente eu compro numa loja que tem uma mulher negra a frente, a vou fazer inglês lá em Divinópolis tem a Júnia [...] é isso nos apoiarmos mutuamente e fazer o dinheiro girar entre nós, tirar o dinheiro das mãos que ele sempre esteve e trazer para nossas mãos, para a partir daí crescer financeiramente, porque a gente merece isso né!

Ana Paula nos mostra uma visão de cunho social, já que é psicóloga, a qual se conecta com o depoimento das outras entrevistadas.

Eu não sou da Administração, minha declaração está mais na percepção do social. Entendo que a mudança, quando a gente fala em mulheres afroempreendedoras é para além da produção é o consumo consciente que a gente faz desses mesmos negócios [...] hoje eu faço uma clínica [*atendimento*], voltada para povo preto, eu atendo pessoas brancas em outros espaços, em outros lugares, mas eu consumo e ofereço um serviço voltado para pessoas pretas. Então, eu posso comprar um bolo na padaria, mas eu posso escolher – e acho que essa que é a rede – escolher comprar da dona Maria, porque ela é uma mulher preta e esse dinheiro girar entre a gente mesmo, fazer essa escolha!

É importante salientar que na maioria dos relatos existe uma preocupação em acolher todas as mulheres que procuram o coletivo. Não há uma necessidade de que todas estejam no mesmo estágio do afroempreendedorismo. Como Nellys faz questão de expressar:

Hoje somos um grupo de rede social que representa milhares de mulheres, que talvez não tenham tido força para fazer muitas coisas, mas ali elas entendem que elas conseguiram – e quando digo que conseguiram, não é à fulana tem um patrimônio de um milhão – é a fulana conseguiu ter um negócio, a fulana conseguiu ter um perfil, a fulana conseguiu estar bem com ela mesma. Porque eu entendo que a nossa relação com o sucesso não pode ser medida com sucesso da outra, principalmente dos outros que não são negros, porque cada um tem uma forma de medir isso e se cada um ficar nessa régua a gente pode se frustrar.

É perceptível a ideia de ajudar outras mulheres, não só a empreender, mas dar todo de suporte e ensinar o autocuidado. Como a Silmara fala “hoje eu consigo ajudar as meninas fazendo com que elas, olhem para si: Ah... eu tenho uma empresa! Não, antes de você ter uma empresa, você é uma pessoa, e como está essa pessoa?” Inclusive é Silmara que menciona um projeto recente do coletivo, que exalta essas características:

Um projeto recente, que nasceu numa das nossas reuniões, que a gente tem paixão por ele é impulsionar mulheres, mas levar para aquelas que não tem condições. Foi onde

¹⁶ Black Money: movimento que tem objetivo de fortalecer a comunidade negra, fazendo o dinheiro circular entre pessoas negras.

a gente criou o projeto para mães do grupo PCD na Bahia, em São Paulo conhecemos uma mulher que tem filho especial, ela falou “Tenho desejo de fazer o curso, mas eu não consigo”, e ali podemos ver que a maioria dessas mulheres sofrem violência, a maioria delas são abandonadas pelos seus parceiros, por conta de os filhos serem especial. Então, antes de impulsionar elas, nós precisamos cuidar delas, mostrar pra elas sentido. Tanto é que criamos o projeto Eu Existo, porque antes de serem mães de filhos PCD’s elas existem. Então esse é um projeto que amo de paixão, porque são mulheres em vulnerabilidade social, mas criamos toda uma estrutura para assisti-las.

E toda essa rede que é construída no coletivo é percebida por elas, como vemos na fala da Gilsanne, a qual comenta sobre a ajuda das Digitais Pretas após sua conta no Instagram ter sido *hackeada*:

Foi com as Digitais que eu consegui reconstruir minha rede social, elas foram me auxiliando com *insights*, é uma seguindo a outra, é uma curtindo o *post* da outra, uma repostando, compartilhando. Isso foi o que me ajudou sair do anonimato, que foi no período que realmente estava desesperada.

Os desafios ligados ao enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais são enormes quando se quer afroempreender. De acordo com Silmara: “Empreender hoje é um ato de resistência e persistência, muitas acabam desistindo no meio do caminho ou sendo afogadas por conta de um sistema preconceituoso”. O caminho para montar seus negócios, por vezes, é cheio de entraves; ter um espaço, no qual elas possam dividir suas dúvidas, suas angústias, suas fragilidades, suas alegrias e vitórias tornando essa jornada mais leve. Esta é a percepção da Ana Paula sobre as Digitais:

As Digitais não é uma coisa de preto, a minha percepção é que as Digitais é um espaço da mulher preta, que todo dia levanta e mata três leões antes de sair de casa, mais uns dez no trajeto e vamos nos nutrindo dessa força e esperança.

4.7 “A GENTE SE AQUILOMBA”

O aquilombamento é uma necessidade histórica, é um chamado, uma reconexão com nossa ancestralidade para atuar no presente, é construir esperança, é construir força, é construir sonho, é construir um futuro melhor. (JUNIOR, 2019, p. 1)

Com a definição acima eu começo essa sessão para falar como é a identificação das entrevistadas em relação ao termo aquilombamento digital no coletivo. Primeiro vejo a necessidade de trazer a fala da Gilsanne que discorre:

Eu entendo o aquilombamento, como falei no início, no sentido de conexão, de compartilhar, de identificação, não só de identificação, mas eu acho que quando a gente fala de quilombo a gente fala de liberdade, a gente fala na liberdade do ser e na liberdade de criar e promover. Isso é aquilombamento, tudo bem, tem pessoas ali que não são das Digitais, foram pessoas que aconteceram, mas a grande maioria cresceu por base desse aquilombamento, de pessoas que vão se impulsionando, pessoas que vão se ajudando e vão construindo essa voz e essa força no mundo digital.

Michelle define: “Entendo que aquilombamento significa acolhimento de pessoas pretas que se fortalecem; sinto que acontece dentro das Digitais”. O que se compreende na fala da Nellys, percebemos também que o coletivo supriu uma necessidade que vai muito além da questão do afroempreender.

Eu sou filha única mulher, tenho um irmão com onze anos de diferença, eu entendo que eu vivi sozinha por muito tempo, por mais que eu tivesse primas, e uma ou outra amiga preta, eu me senti sozinha por muito tempo. Então consegui ter uma irmandade no meio digital! E quando eu vim para o digital, e começo a me conectar com essas mulheres, eu não entendia que essa conexão era tão gigante, que a hora que eu as enxerguei, principalmente na primeira vez ao vivo, parecia que a gente já era ligada de outras vidas. Então isso não pode ser uma definição maior que uma conexão ancestral, um aquilombamento, que a gente vive num quilombo, porque aqui, principalmente dentro das Digitais Pretas a gente busca resgatar mulheres de várias tribos, de vários lugares, vários jeitos. Em vários tempos... mas elas entram e são acolhidas do jeito que elas são, pra conseguir de aí pra frente andar juntas.

Estar juntas nutre uma necessidade de proteção, pois são tantas mazelas diárias que as mulheres negras passam no seu dia a dia. Assim é como a Ana percebe o coletivo:

Hoje ter um grupo de mulheres que a gente manda uma mensagem, pedindo uma ajuda, uma dica... vai ter várias pessoas ajudando e te indicando outras pessoas. Isso é muito rico, pois vemos que não estamos sozinhas nem com as nossas conquistas e nem com as nossas dores.

Na maioria das entrevistas é possível perceber o quão satisfatório é encontrar todas aquelas mulheres que formam o coletivo. É notável na expressão delas, no tom de voz e no brilho dos olhos, a felicidade ao contar como foi o primeiro contato com coletivo. Como na fala de Ana Paula:

A partir de uma marcação de uma amiga em um post das Digitais, no qual elas estavam procurando uma psicóloga preta, então fiz a interação, e aí eu falei: gente do céu o quilombo existe mesmo, para além dos espaços, pra mim o quilombo foi pensado para encontrar mulheres, mães, empreendedoras... com muitas semelhanças nas histórias né, nossa trajetória ela passa por esse lugar.

O relato de Patrícia, vai além, quando demonstra surpresa ao encontrar Nellys, uma mulher negra, moradora do Rio grande do Sul, criadora de conteúdo e afroempreendedora digital.

[...] quando eu vi, nunca vou esquecer!! um monte de mulher preta igualzinha a mim, aí fui olhar quem era a fundadora das Digitais, pensei assim, rapaz, se ela é gaúcha, é preta, pensei essa mulher é arretada¹⁷ é por aqui que eu vou. Por que eu não conheço um estado com o recorte racial mais perverso que o Rio Grande do Sul.

Ao falarem do coletivo a maioria das entrevistadas expressam as características dos quilombos, como, sentimento de pertencimento, um local para se libertar, um local de aprendizado e de ajuda mútua, entre pessoas negras. Como a Patrícia descreve: “Pra mim as Digitais pretas é sinônimo disso [*aquilombamento*], é um local discursível, é um local de compartilhamento de ideias e de conhecimento, porque ninguém sabe tudo sobre tudo!” Corroborando com as percepções sobre o coletivo Ana Paula relata, o que à faz permanecer no coletivo:

O que me faz permanecer é entender que é uma construção coletiva, é horizontal e circular. É um caminho que a gente faz juntas, é muito da nossa herança, a relação de troca é enriquecedora. É um espaço que eu construo, que eu ponho uma pedrinha que vai mudar algo daqui a 20 anos.

As entrevistadas percebem essa relação de troca dentro coletivo Digitais Pretas, e isso é motivo de satisfação entras essas mulheres. Como descreve Júnia:

O que me faz continuar é mesmo motivo que me fez ingressar, me sentir apoiada por mulheres pretas. Eu senti que eu poderia apoiar também, porque tem mulheres pretas que fazem meu curso de inglês, a gente tá junto, é meu dinheiro pra você e teu pra mim e gente gira aqui é eu ver esse apoio funcionando de maneira prática, não é só.... deixa eu ver esse grupo de mulheres, se elas fazem isso que estão postando nas redes sociais. É isso mesmo, então isso me faz continuar, eu me sinto apoiada, eu me sinto valorizada, me sinto vivida. Porque tem mulheres veem meu potencial, que enxergam meu potencial e eu faço isso com as outras também, essa troca é importante, isso faz eu me manter. Todos os projetos que são propostos visam a ajuda mútua, nós nos fortalecendo cada vez mais.

¹⁷ Arretada: Palavra atrelada a cultura do nordeste, pode ser forte, brava e bonito. Neste contexto a entrevistada utilizou para dizer que era uma mulher forte.

Silmara atribui ao coletivo o despertar do seu potencial profissional e também lembra o quão importante é estar conectada com mulheres de outros estados. Assim Silmara concluiu, que se esse encontro acontece é porque o aquilombamento digital existe.

Se estou onde estou houve aquilombamento é impossível falar de toda essa potência hoje em mim, é porque fui acolhida pela Nellys e por tantas outras. É um grupo muito grande, então houve aquilombamento. E quando se fala em aquilombamento digital nós estamos em vários lugares, eu tô em São Paulo a Nellys tá no Sul, a Lê tá no Rio, ontem nós fizemos uma reunião tinha mulheres de cada estado e gente até de fora do país. Então esse aquilombamento digital é importante, tanto para empreendedora que não se vê ainda, mas quando ela entra no Instagram e ela vê uma mulher preta empreendedora vencendo ela consegue se ver, o aquilombamento existe muito.

Essa fala da Silmara vai ao encontro do que Michelle descreve quando teve o primeiro contato com as Digitais Pretas.

[...] Eu vi e me identifiquei, é isso que eu quero, é isso que eu preciso, e estou ali nas Digitais e cada vez me identificando mais, apaixonada, feliz... Ah... eu tô no meu chão, tô no meu povo, estou me descobrindo depois de 44 anos, tô tendo a consciência negra, que acho que na verdade eu não tinha, mas também quem eu sou, que é muito forte.

A Gilsanne relata que as ideias de um Quilombo permanecem mesmo nos membros que hoje já não fazem parte ativamente no coletivo.

Lá é muito bom, porque são pessoas muito diversas, tem história, conhecimento de coisas que tu não terias, talvez até no físico, tem gente de tudo que é lugar do mundo, não tem gente só do Brasil, mas de fora do Brasil. Então tudo isso é muito interessante são perspectivas bem diferentes e tem gente que eu não conheceria se não fosse as Digitais Pretas, tive um cliente que atendi no começo de ano, que foi indicação de uma ex digital preta. Então são coisas assim bem interessante, a gente conversou, ela já não faz mais parte do coletivo, mas ela lembrou de mim, pra te ver como é forte isso, ela mesmo assim teve aquela... digamos lealdade da irmandade e a primeira pessoa que ela quis indicar foi eu, acho que isso é bem relevante.

Em relação ao coletivo, Júnia faz uma pontuação importante, que não se trata apenas em “juntar um monte de preto”, mas juntar com objetivos de crescimento.

É estarmos juntos e termos um propósito específico para estarmos juntos, não só ah... vamos juntar aqui, mas juntar com propósito de crescimento... isso eu acho que é importantíssimo termos o propósito de crescimentos juntos. O aquilombar-se pra mim não pode ser só, vamos juntar um monte de preto aqui, tem que juntar e ter consciência de evolução.

Por fim, selecionei os trechos de maior relevância dentro dos objetivos propostos nessa pesquisa, sob a perspectiva dos processos identitários. É possível ver que suas trajetórias de vidas, ditam a forma como se identificam e se posicionam dentro e fora do coletivo. A partir dessas colocações encaminho as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa trabalhei com o coletivo Digitais Pretas, a partir de conceitos de afroempreendedorismo, aquilombamento digital e estudos de identidade social. Para isso, utilizei uma abordagem qualitativa com realização de entrevistas semiestruturadas, junto a pesquisa documental. Na análise construí categorias a partir das falas das entrevistadas. Neste capítulo, trarei uma reflexão final acerca do modo como os objetivos propostos foram discutidos e atingidos.

No **primeiro objetivo intermediário** tive como proposta descrever as trajetórias de vida como mulher preta. Concluí pelas falas, que as trajetórias de vida dessas mulheres foram marcadas pelo preconceito racial, que foram acontecendo desde a infância até a vida adulta. O vínculo familiar tem forte presença na vida dessas mulheres, e nem sempre é uma presença positiva. Concluí também que existe um período entre os 30 e 40 anos quando elas começam a se reconhecerem como mulher preta.

Propus como **segundo objetivo intermediário** descrever as trajetórias profissionais das entrevistadas. Concluí que três pontos marcam o caminho profissional da maioria dessas mulheres. 1. As entrevistadas assumiram desde cedo o papel de garantir seu próprio sustento e de sua família, por esse motivo assumindo inicialmente qualquer profissão. 2) A família apareceu como um importante interferente (direto ou indireto) nas “escolhas” profissionais dessas mulheres. 3) No ambiente organizacional o preconceito permanece presente. 4) A construção de suas identidades, a relação com trabalho também sofre mudanças, pois elas saem da posição de subserviência e começam a entender que estão em uma posição diferente e que tem poder de escolha.

Ao descrever as construções identitárias constituídas a partir da interação com o Coletivo Digitais Pretas e as atividades propostas por este, que são **o terceiro e quarto objetivos intermediários** da pesquisa, identifiquei que ambos estão relacionados. Concluí que as construções identitárias são feitas, primeiramente, a partir do encontro das entrevistadas com coletivo – uma identificação imediata, pois percebem que não estão sozinhas. Depois identifiquei que as atividades propostas também geram identificação por nutri-las de conhecimento e empoderamento, e isso as ajuda a se posicionarem e se reconhecerem.

Nos últimos dois objetivos intermediários, o quinto e o sexto, que tratam sobre como as entrevistadas se identificam com os termos afroempreendedorismo e aquilombamento digital, concluí que essas mulheres sentem orgulho em pertencer a um coletivo

afroempreendedor e, também, que a identificação com a questão do afroempreendedorismo, está ligada à ideia de ganhar autonomia, poder de escolha e decisão sobre suas próprias vidas, muito mais do que escalar¹⁸ seus empreendimentos. Também percebi que a maioria das entrevistadas iniciaram no empreendedorismo por necessidade.

Quanto ao aquilombamento, concluí que há identificação com termo, visto a forma como elas falam do coletivo: “Se estou onde estou, houve aquilombamento” (Silmara) e, ainda, “é um caminho que a gente faz juntas, é muito da nossa herança, a relação de troca é enriquecedora” (Ana Paula). Assim, as entrevistadas demonstram relacionar o termo como uma conexão familiar, um regate à ancestralidade e uma reafirmação de suas identidades.

E o **objetivo final**, o qual busquei compreender como se constituem processos identitários constituídos pelas participantes do coletivo Digitais Pretas? Entendi que os processos identitários acontecem o tempo todo, a partir de suas vivências entre elas (dentro do coletivo) e entre elas em relação aos outros (fora do coletivo), “a identidade existe sempre em relação a outra” (CUCHE 2002). As Digitais Pretas é um meio que elas encontraram para reconstruir suas identidades; assim elas usam o empoderamento, como uma constante, para se verem identificadas a uma “Identidade positiva” (CUCHE 2002).

Por fim, ao longo deste estudo, identifiquei que as mulheres deste coletivo passaram por diversas situações de racismo, as quais, tornou o processo de formação de suas identidades como mulheres negras muito mais longos e dolorosos. Saliento que esse processo de identificação “não é algo fixo imutável, ele é construído permanentemente” (CUCHE, 2002), sendo que entrada no coletivo, possibilitou a autoidentificação como mulheres negras, a partir de suas vivências, inclusive as de racismo, compartilhadas.

No entanto, essas mulheres decidiram que não querem carregar o estigma das mulheres negras sofridas – “Identidade negativa” (CUCHE, 2002). Elas mencionam que este não é “um coletivo para falar de dor” e sim, um coletivo para se empoderar, afroempreender, e se aquilombar” (Nellys). Nesse sentido, o Digitais Pretas construiu uma rede de afeto, que de acordo com Conceição (2022) é com o “aquilombamento que este afeto e acolhimento transpassa o fortalecimento ancestral, se tornando uma ferramenta estratégica para furar bolhas e romper estruturas”.

Como proposta para estudos futuros, posso recomendar outras pesquisas a partir do olhar das mulheres negras, explorando a experiência dessas mulheres sob a ótica de outros termos citados neste trabalho, como: ancestralidade, algoritmos racistas e letramento racial.

¹⁸ Escalar, neste contexto trata-se de aumentar suas vendas, seja de um produto ou de um serviço.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2020

AMARTINE, D. N; QUEIROZ, M. V. L. **Discutindo o afroempreendedorismo: reflexões sobre o conceito a partir dos casos brasileiro e colombiano**. Revista Direito GV, São Paulo, v. 18, n. 2, maio/ago. 2022, e2220. [https://doi.org/ 10.1590/2317-6172202220](https://doi.org/10.1590/2317-6172202220)

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. **Empreendedorismo: Conceitos e Definições**. 2014. Disponível <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasi/article/download/612/522>>. Acesso em: 05 dez 2022.

BORGES, Alex Fernando et al. **Retratos do Empreendedorismo Étnico-Racial: um estudo sobre a trajetória de Empreendedores Negros**. 2020. XI EGEPE Anais do Congresso. DOI: 10.14211/xi-egepe-118148. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 25 fev. 2020.

Brasil deve atingir marca histórica de empreendedorismo em 2020

<https://agenciasebrae.com.br/brasil-empendedor/brasil-deve-atingir-marca-historica-de-empendedorismo-em-2020/ASN> Nacional – Acesso em: 15 jan 2023

CANCIAN, Renato. **Abolição da escravatura: Brasil demorou a acabar com o trabalho escravo**. Uol. História do Brasil. 2006. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/abolicao-da-escravatura-brasil-demorou-a-acabar-com-o-trabalho-escravo.htm>>. Acesso em: 03 mar 2023.

CANDIDO , Vanessa Edna do Carmo; XAVIER, Elisabete Macedo Rocha; MOURA, Maria Célia Menezes; SANTOS, Fernanda de Santana. **Escravidão negra em São Paulo e no Brasil**. Disponível em: <<https://historiadesaopaulo.wordpress.com/escravidao-negra-em-sao-paulo-e-no-brasil/>>. Acesso em 10 Dez 2022.

CONCEIÇÃO, Kelly S. **Aquilombamento Digital: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos**. Trabalho conclusão de curso. Universidade de São Paulo Escola de Comunicação e Artes Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação - São Paulo, 2020.

COSTA, Bruna Gazzzi. **Expressão e Utopia: Testemunhando atos de coletivos independentes de Porto Alegre**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, p.46. 2020.

CUCHE, Denys, **A noção de cultura nas ciências sociais**, tradução de Viviane Ribeiro Bauru. EDUSC, 2002.

DAMION, Daniela: **JUNTAS SOMOS MAIS FORTES” O empoderamento de mulheres autoempreendedoras e a experiência do grupo Empreendedoras da Restinga**.Dissertação Pós-Graduação em Sociologia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, p.65. 2021.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios** (5a. ed.), Grupo Gen - LTC, 2015. ProQuest Ebook Central, <http://ebookcentral.proquest.com/lib/minhabibliotecaufrgs/detail.action?docID=3237653>. Acesso em 16 mar de 2023.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios** - 7ª Edição. Editora. Empreende, 2018. E-book. ISBN 9788566103076. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788566103076/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Empoderamento: significado, benefícios e o surgimento – Blog do Ead UCS <https://ead.ucs.br/blog/empoderamento#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20empoderamento%3F,dom%C3%ADnio%20sobre%20a%20pr%C3%B3pria%20vida>. Acesso em: 16 mar 2023.

Estudo da Pretahub mapeia três perfis de empreendedores negros no Brasil - GIFE-17.02/2020. <https://gife.org.br/estudo-da-pretahub-mapeia-tres-perfis-de-empreendedores-negros-no-brasil/> Acesso em 10 jan de 2023.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 309-327, 2020

JUSTUS, Paulo; ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. Um prisma, muitas faces: mapa de coletivos de mulheres, suas propostas e formas comunicativas. **Anais**, 2019.

PEREIRA, Clara. **Desafios das mulheres negras no mercado de trabalho** Disponível: Portal Geledes. <https://www.geledes.org.br/desafios-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho/> Acesso em 20 de Mar 2023

REIS, João Carlos. **Historiografia e Quilombo na obra de Beatriz Nascimento**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.

ROSA, Auría M.; **Práticas Informacionais no Instagram: Ações de Letramento racial no perfil Primeiros Negros**. 2022. Trabalhos de Conclusão do curso de graduação Biblioteconomia - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul _ Porto Alegre , 2022

SANTOS, Cleito Pereira dos. **A Questão Racial Analisada por Florestan Fernandes. Reflexões e Rupturas**. 2007. Disponível em: <<http://reflexoes-rupturas.blogspot.com.br/2007/12/questo-racial-analisada-por-florestan.html>>. Acesso em 03 de março de 2023

SIQUEIRA, Dirceu P. NUNES. Danilo H.MORAIS, Fausto S. - **Identidade, Reconhecimento E Personalidade: Empreendedorismo Da Mulher Negra Identity, Recognition And Personality: Black Women's Entrepreneurship** Dirceu Pereira Siqueira-Danilo Henrique Nunes-Fausto Santos de Moraes - EALR, V.9, nº 3, p. 229-242, Setembro-Dezembro, 2018 <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/EALR/article/view/11055> acesso 23 mar 23

GAIGER, L. I. G. La reciprocidad y los colectivos de autoorganización de la vida - **A Reciprocidade e os coletivos de auto-organização da vida comum: uma resposta ao capitalismo de crise común.** *Otra Economía*, v. 13, n. 24, p. 3-24, 15 out. 2020.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 7ª edição.** Grupo GEN, 2019. *E-book*. ISBN 9788597020991. Disponível em:

<https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

LARANJEIRA, Raymundo. **A Natureza da Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, dita de Abolição da Escravatura.** *Direito UNIFACS–Debate Virtual*, n. 226, 2019.

LEMONS, L. R. **O afroempreendedorismo: saber tradicional, empoderamento e contribuição à indústria criativa.** *Revista Extraprensa, [S. l.]*, v. 12, p. 861-879, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.153975. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153975>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LOPES, Felipe R. B.. **O negro em movimento empreendedor: o “novo negro” afroempreendedor brasileiro** - Universidade de São Paulo -2019

LOPES, O. R.; NEVES, D.M. TOLENTINO, S.S. R: Inovação social: Estudos das Ações e Valores Criados pelos Afroempreendedores. **PRETEXTO UNIVERSIDADE FUMEC** , v. 23, n. 2, p. 67-85, 2022.

MARIANA. **Pode entrar?|”PODE ENTRAR, NELLY!”**. Clicrbs, Porto Alegre - RS, 01/10/2012. Disponível: <https://92radio.clicrbs.com.br/maismulher/2021/10/01/posso-entrar-pode-entrar-nelly/> Acesso em 05 de Dez 2022

MARION, Karina. **Gestão de redes públicas de cooperação.** *Administradores*. 2010. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/gestao-de-redes-publicas-de-cooperacao>. Acesso em 05 de Dez 2022

MELO, Roberta. **Afroempreendedores revolucionam o ambiente de negócios brasileiro.** *Jornal do comércio* 07/01/2019. Disponível: Portal Geledes <https://www.geledes.org.br/afroempreendedores-revolucionam-o-ambiente-de-negocios-brasileiro/> Acesso em 05 de Dez 2022

MINAYO, Maria Cecília de Souza, DESLANDES, Suely Ferreira, GOMES, Romeu. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Edição digital. Petrópolis: Vozes, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PtUbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=MINAYO,+Maria+Cec%C3%ADlia+de+Souza.+Pesquisa+Social.+Teoria,+m%C3%A9todo+e+criatividade.+19+ed.+60+Petr%C3%B3polis:+Vozes,+2001.&ots=5P4NbkMTXI&sig=Kyv_OVMnYd0PNKjuen3G20UvOzQ#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 fev. 2023

MONTEIRO, Jorge Aparecido. **DESENVOLVIMENTO E EMPREENDEDORISMO AFRO-BRASILEIRO.** Desafios históricos e perspectivas para o século 21. Editora Ailende. São Paulo/SP. 2013. Disponível em: <<https://issuu.com/revistasustentabrazil/docs/miololivrotodo2>>. Acesso em 05 de Dez 2022

MOURA, C. **Escravidismo, Colonialismo, Imperialismo e Racismo**. Revista Afro Ásia, Salvador, n. 14, 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1448/showToc> Acesso em: 10 abr. 2023.

NASCIMENTO, BEATRIZ. Beatriz Nascimento. **Intelectualidades Negras Brasileiras**, p. 43, 2018.

NOGUEIRA, João Carlos; MICK, Jacques. **Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-Brasileiro. Projeto Brasil Afroempreendedor. São Paulo, 2013**. Disponível em <<https://issuu.com/revistasustentabrasil/docs/miololivrotodo2>> Acesso em 05 de Dez 2022

OLIVEIRA, Josiane Silva; PEREIRA, Jaiane Aparecida; SOUZA, Márcia Cristina David de. **Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008**. Contextus. Revista Contemporânea de Economia e Gestão. Vol. 11 – No 2 – jul/dez 2013.

ONozato, Erica; JUNIOR, Paulo; GRECO, Simara; SOUZA, Vinicius **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil: 2019** - Curitiba: IBQP, 2020. 200 Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf> Acesso em 05 de Dez 2022

SANTOS, Micaela; SÁ, Sônia. A representatividade da mulher negra na mídia social: o coletivo brasileiro “Pop Afro”. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 54, 2021.

SILVA, Sandra Regina Vaz da; FAGUNDES, Gustavo. Clóvis Moura e a questão social no Brasil. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 222-231, 2022

SOARES, Iris Pontes. Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor: luta quilombola brasileira. **Revista Katálysis**, v. 21, p. 574-583, 2018.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação Mestrado —Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008.

TEIXEIRA, Sabrina Stieler: **A COMUNICAÇÃO EM COLETIVOS DE MULHERES: ORGANIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E FORMAÇÃO FEMINISTA** Dissertação Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade biblioteconomia e Comunicação - Programade Pós-graduação em Comunicação. - Porto Alegre, f219. 2022

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos, **Empreendedores Coletivos em Redes Organizacionais- Novos Agentes Gerando um Padrão Diferenciado de Competitividade**. <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-ece-0360.pdf> Acesso em 05 de Dez 2022 16 dez. 2022.

Pesquisa inédita mostra que o afroempreendedorismo é jovem, feminino e solitário; (MN)

Redação - Mundo Negro 1 de julho de 2022 <https://mundonegro.inf.br/movimento-black-money-divulga-pesquisa-com-perfil-dos-empresendedores-negros-no-brasil/>. Acesso

VELOSO, Maria do S. Furtado e ANDRADE, Alice Oliveira. **Aquilombamento virtual midiático.** Revista da Alceu- Departamento de Comunicação Social / Programa de Pós-graduação da PUC-RJ v. 21, n. 44, p. 172-189, 2021. [Aquilombamento virtual midiático: | ALCEU \(puc-rio.br\)](#) Acesso em: 07 de novembro 2022.

VILLAVERDE, Adão. **Afroempreendedorismo, um projeto revolucionário.** 2014. Disponível: <https://sul21.com.br/colunasadao-villaverde/2014/04/afroempreendedorismo-um-projeto-revolucionario/> Acesso em 27 de dezembro de 2022..

ANEXO A – LEI ÁUREA N.º 3.353 13 DE MAIO DE 1988

Lei com teor muito simples, ela disse apenas:

“Art. 1º. Fica declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.”

Fonte: Adaptado de Laranjeiras (2019 p. 2)

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (1):

Nome:

Idade:

Identificação Cor/Raça:

Trajetórias

Pergunta para conhecer um pouco da história das entrevistadas.

1. Me fale um pouco sobre sua trajetória de vida como mulher negra?
2. Me fale um pouco sobre sua trajetória de trabalho como mulher negra?

Interação com Digitais Pretas

Perguntas que visam explorar as relações com coletivo.

1. Como você conheceu e começou a seguir o Digitais Pretas?
2. Por que você continua seguindo o Digitais Pretas?
3. Me fale um pouco das atividades realizadas pelo Digitais Pretas que você mais gosta e acompanha.
4. Você entende que colabora de alguma maneira com o Digitais Pretas? Fale um pouco sobre isso.
5. A partir de sua interação com o coletivo Digitais Pretas, algo mudou no seu processo de identificação? Fale um pouco sobre isso.
6. A partir de sua interação com o coletivo Digitais Pretas, algo mudou ou vem mudando na sua vida? Fale um pouco sobre essas mudanças.

Afroempreendedorismo e Aquilombamento Digital

Perguntas que visam explorar a dimensão identitária das entrevistadas.

1. Você conhece o termo afroempreendedorismo (ou empreendedorismo negro)? O que você entende por esse termo?
2. Você se sente identificada com o afro empreendedorismo? Fale um pouco sobre isso.
3. Você conhece o termo aquilombamento digital? O que você entende por aquilombamento digital?
4. Você se sente identificada com a ideia de aquilombamento digital? Fale um pouco sobre isso.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (2):

Roteiro de Entrevista (B):

Nome:

Idade:

Identificação Cor/Raça:

<p>Trajetória</p> <p><i>Pergunta para conhecer um pouco da história da entrevistada.</i></p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Me fale um pouco sobre sua trajetória de vida como mulher negra? 2. Me fale um pouco sobre sua trajetória de trabalho como mulher negra?
<p>Processo de construção do Digitais Pretas</p> <p><i>Perguntas para conhecer os motivos para criação do coletivo</i></p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Me fale um pouco sobre o processo de criação do Digitais Pretas, histórico, motivação? 2. Nas suas palavras, quais são os propósitos do Digitais Pretas? Se possível, pensar do mais amplo aos mais específicos. 3. Como você analisa o grupo nesse momento? O que já o grupo já conseguiu atingir, como este está estabelecido em termos de estrutura. 4. O que você pensa sobre o futuro do Digitais Pretas?
<p>Afroempreendedorismo e Aquilombamento Digital</p> <p><i>Perguntas que visam explorar a dimensão identitária da entrevistada.</i></p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Você conhece o termo afroempreendedorismo (ou empreendedorismo negro)? O que você entende por esse termo? 2. Você se sente identificada com o afroempreendedorismo? Fale um pouco sobre isso. 3. Você conhece o termo aquilombamento digital? O que você entende por aquilombamento digital? 4. Você se sente identificada com a ideia de aquilombamento digital? Fale um pouco sobre isso.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: O CASO COLETIVO DIGITAIS PRETAS.**

Nome da Pesquisadora Responsável: Raquel Cristiane Costa da Silva

Nome professora orientadora: Maria Tereza Flores-Pereira

Tema da pesquisa: A pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso da aluna Raquel Cristiane Costa da Silva realizada no curso de graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como tema, como se constituem processos identitários pelas participantes do coletivo Digitais Pretas.

Envolvimento na pesquisa: ao participar desta pesquisa você autoriza o uso das informações fornecidas a partir de entrevista realizada pela pesquisadora.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo poderão ser utilizadas durante a pesquisa, sendo, ao final, parte do trabalho de conclusão de curso. Você autoriza o uso do seu nome na pesquisa? () Sim () Não, prefiro que ele seja omitido.

Benefícios: esperamos que este estudo traga resultados relevantes sobre os processos de identitários constituídos nos coletivos protagonizados por mulheres.

Contatos: por meio do e-mail da pesquisadora raquel23costa@gmail.com

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome: _____ RG: _____

Assinatura da entrevistada _____

Assinatura da pesquisadora: _____

_____, _____ de janeiro de 2023.